



# A política em tempos de nihilismo ético

## Tema de capa

Editorial **pg. 02**

## Entrevistas

**Juarez Guimarães:** Crise de fundamentos éticos do espaço público **pg. 03**

**Marcelo Perine:** Pe. Vaz e o diálogo com a modernidade **pg. 06**

**Franklin Leopoldo e Silva:** A banalidade da ética e da política **pg. 13**

**Rudá Ricci:** “A política não é banal, mas o sistema formal de representação política” **pg. 17**

**Tales Ab´Sáber:** O voto nulo e a fratura exposta da política oficial **pg. 20**

## Destaques da semana

### Teologia Pública

**Christian Duquoc:** Uma discussão sobre a teologia na contemporaneidade **pg. 25**

### Entrevista da semana

**Hélio Nascimento:** O farol da crítica do cinema brasileiro **pg. 29**

### Artigo da semana

**Washington Novaes:** Em qual país é esta eleição? **pg. 32**

**Deu nos jornais** **pg. 35**

**Destaques on-line** **pg. 36**

## **IHU em revista**

<b>Eventos</b>
<b>pg. 38</b>
<b>Sala de leitura</b>
<b>pg. 38</b>
<b>IHU Repórter</b>
<b>pg. 39</b>
<b>Errata</b>
<b>pg. 41</b>

## **Editorial**

“Há uma clara crise de fundamentos éticos do espaço público brasileiro. Esta crise, agora extremada, é fundacional: trata-se de, na verdade, construir fundamentos de um Estado que nunca foi, em sentido pleno, republicano. Os principais atores políticos do País têm que dar respostas a esta crise”. A análise é do professor Juarez Guimarães, do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Juarez Guimarães, recentemente, publicou dois artigos luminosos, no boletim *Periscópio*, da Fundação Perseu Abramo, refletindo sobre a contribuição de Henrique C. de Lima Vaz sobre os temas ética e política. Os dois artigos foram reproduzidos em edições anteriores da *IHU On-Line*. Inspirados neles e às vésperas das eleições do dia 1º de outubro, voltamos ao tema, entrevistando o próprio professor da UFMG, para quem a grande contribuição de Vaz foi ter colocado no centro do diagnóstico da crise contemporânea o chamado niilismo ético.

Contribuem também nesta edição o Prof. Dr. Marcelo Perine, coordenador da Comissão da área de filosofia e teologia da CAPES e professor na PUC-SP, o Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; o Prof. Dr. Rudá Ricci, professor na PUC-Minas e o psicanalista Tales Ab’Sáber, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Publicamos ainda uma entrevista com o teólogo francês Christian Duquoc sobre os desafios contemporâneos para o fazer teológico. Por sua vez, o crítico de cinema, Hélio Nascimento analisa o atual cinema brasileiro.

Com a presença do Superior Geral da Companhia de Jesus, Peter-Hans Kolvenbach, inicia hoje, dia 25 de setembro, o Seminário Internacional *A Globalização e os Jesuítas. Origens, história e impactos*.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

# Crise de fundamentos éticos do espaço público

Entrevista com Juarez Guimarães

“Há uma clara crise de fundamentos éticos do espaço público brasileiro”, diz o professor Juarez Guimarães. Juarez é professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesta entrevista, concedida por e-mail à *IHU On-Line*, o professor fala sobre o pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz e suas contribuições, e discorre sobre a ética brasileira. A *IHU On-Line* já publicou dois artigos do professor sobre Vaz-Ética-Política: *O comunizarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental* e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz*, nas edições 185 e 189, respectivamente. Esses artigos forma originalmente publicados no boletim *Periscópio*, da Fundação Perseu Abramo, vinculada ao PT. Juarez é doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, com a tese, *Marxismo e democracia: a razão do impasse*, 1997. Também tem mestrado em Ciências Sociais pela mesma Universidade. É autor dos livros: *A Esperança Equilibrada - O governo Lula em tempos de transição*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, *Democracia e Marxismo: crítica à razão liberal*. São Paulo: Xamã, 1999 e *Rosa, a vermelha*. São Paulo: Editora Busca Vida Ltda, 1987.

***IHU On-Line* – Padre Vaz é considerado por algumas pessoas como o principal filósofo brasileiro e o maior filósofo cristão das últimas décadas. O que senhor pensa sobre isso?**

**Juarez Guimarães** - Certamente a obra do padre Vaz oferece legitimidade a estes juízos que certamente não alcançariam um consenso pleno. Penso que haveria alguns critérios que deveriam ser aclarados: o da erudição (concebida como capacidade crítica e dialogal em relação às várias tradições filosóficas), o da representação (o de ser um pensamento que se enraíza intelectualmente em certa cultura) e o da

relevância (no sentido de abordar problemáticas que estão no cerne da crise contemporânea). Todo juízo sobre a obra do padre Vaz certamente teria que reconhecer a excelência de seu pensamento em relação a todos estes critérios.

***IHU On-Line* – Qual a principal contribuição das obras do Pe. Vaz para o campo da ética?**

**Juarez Guimarães** - Em primeiro lugar, colocar o chamado niilismo ético no centro do diagnóstico da crise contemporânea. Além disso, procurar os fundamentos filosóficos de uma ética de sentido universalista. E, por fim, o de

restabelecer, de forma plena, no plano filosófico contemporâneo o diálogo entre os valores cristãos e a cultura filosófica.

***IHU On-Line* – Quais foram as principais contribuições de Vaz para compreendermos as relações entre fé-ética-política?**

**Juarez Guimarães** - Não há no padre Vaz a procura de um argumento filosófico que prescindia da fé. Reconhece-se a autonomia entre estas duas esferas, mas ambas mantêm uma mútua iluminação. Seria um pensamento que trabalha na direção contrária da obsessão de racionalizar todas as esferas da vida social e realizar o que Weber<sup>1</sup> chamou de o pleno desencantamento do mundo. O humanismo na obra de Vaz tem um fundamento teocêntrico, não abre mão da tradição cristã. Por sua vez, o seu diálogo com Hegel lhe permite instalar a dimensão ética no centro do pensamento sobre a política, reagindo contra os argumentos contratualistas ou utilitaristas.

***IHU On-Line* – De que forma Vaz dialoga com a modernidade? Como sua filosofia demonstra a crise que vive esse período?**

**Juarez Guimarães** - Certamente, com base no pensamento da maturidade de

---

<sup>1</sup> Maxmillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o "espírito" do capitalismo. Cem anos depois*, a *IHU On-Line* dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo*. Em 10 de novembro de 2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

Hegel, tomada como grande síntese, inacabada e ainda irresolvida, das contradições instaladas pela cisão entre razão e fé no advento da chamada modernidade. Seu trabalho, no entanto, vai no sentido de recuperar a síntese tomista, e repor o tema da transcendência e do sentido da história em um mundo dominado pelas lógicas imanentistas e materialistas.

***IHU On-Line* – Como o senhor vê a forma como o Pe. Vaz expôs a problemática entre a consciência contemporânea da modernidade e a consciência cristã?**

**Juarez Guimarães** - Há em Vaz o reconhecimento da modernidade como um experimento de civilização original que pretende prescindir da religião como esfera publicamente compartilhada de valores. Esta pretensão levaria à perda de um referencial ético universalista, ao relativismo e ao niilismo ético. A consciência cristã, ela própria síntese e doadora de sentido, teria nesta visão um papel fundamental neste século no sentido de fundamentar valores necessários à construção da paz, da liberdade e da igualdade.

***IHU On-Line* – De que forma o pensamento de Padre Vaz influenciou a ética que foi se formando na civilização brasileira?**

**Juarez Guimarães** - Há claramente dois momentos. Um momento seminal no final dos anos 1950 e no início dos anos 1960 de diálogo entre as novas teologias da emancipação e o marxismo crítico aos regimes opressivos do Leste Europeu. O outro, apenas iniciado, porque se inscreve na temporalidade própria de uma obra que se insere na tradição milenar da filosofia, no qual o pensamento de Vaz, amadurecido e enriquecido, elabora um desafio intelectual incontornável a todos os humanistas brasileiros.

***IHU On-Line* – Hoje, quem retoma o pensamento de Padre Vaz no Brasil? Como seria essa retomada?**

**Juarez Guimarães** - Há uma clara crise de fundamentos éticos do espaço público brasileiro. Esta crise, agora extremada, é fundacional: trata-se de, na verdade, construir fundamentos de um Estado que nunca foi, em um sentido pleno, republicano. Os principais atores políticos do País têm que dar respostas a esta crise. Difundir, sistematizar, estudar, divulgar a obra do padre Vaz é, pois, tarefa, diríamos, que tem a urgência das transcendências.

***IHU On-Line* – Como se dá o diálogo cristão de Vaz com o marxismo?**

**Juarez Guimarães** - Penso que é um diálogo respeitoso, qualificado e seminal. A recusa de Vaz em assimilar o chamado "materialismo dialético" é rica e fundamental para o próprio processo de renovação das culturas do marxismo. Como diria Gramsci<sup>2</sup>, marxismo é humanismo radical e, assim, ele deveria ser capaz de dialogar com as outras fontes do humanismo, como é aquele elaborado na obra do padre Vaz. O encontro destes dois humanismos - o teocêntrico e o antropocêntrico - está longe de exaurir o seu potencial emancipador para o povo brasileiro.

---

<sup>2</sup> **Antonio Gramsci** (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus *Cadernos do cárcere*, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela "hegemonia" do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. (Nota da *IHU On-Line*)

# Pe. Vaz e o diálogo com a modernidade

Entrevista com Marcelo Perine



O diálogo com a modernidade atravessa a obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Sua forma “foi marcada pelos instrumentos conceituais adquiridos na rigorosa formação escolástica e na fecunda apropriação de elementos da filosofia moderna e contemporânea”. A afirmação é do filósofo Marcelo Perine, em entrevista exclusiva, por e-mail, à **IHU On-Line**, refletindo sobre o legado do importante filósofo brasileiro. Baseado na diretriz de Santo Agostinho, crer para entender e entender para crer,

Pe. Vaz teve uma “convivência fecunda entre a fé que professava e a razão que praticava”, menciona Perine. E conclui que isso pode ser aplicado “às relações entre a fé e os compromissos éticos e políticos que incumbem ao cristão na qualidade de cidadão”.

Coordenador da Comissão da área de Filosofia e Teologia da CAPES, Perine é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira (FFNSM) e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É mestre e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), na Itália, com a tese ***Filosofia e violência. Um estudo sobre o sentido e a intenção da filosofia de Eric Weil***, publicada pela Editora Loyola em 1987. Fez pós-doutorado na Università Vita Salute San Raffaele (UVSSR), na Itália. De sua produção intelectual, citamos as obras ***Um conflito de humanismos***. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2001, escrito em parceria com Henrique Cláudio de Lima Vaz; ***Platão. República***. São Paulo: Scipione, 2002 e ***Quatro lições sobre a ética de Aristóteles***. São Paulo: Edições Loyola, 2006. Perine esteve na Unisinos em 4-9-2006, quando proferiu a aula inaugural do curso de Filosofia da Universidade, intitulada ***Implicações éticas da cosmologia platônica. Uma leitura do mito do político***. Sobre o tema, confira a entrevista que concedeu à edição 194 da ***IHU On-Line***, de 4-9-2006, editoria ***Entrevista da semana***, intitulada ***As implicações éticas da cosmologia de Platão***.

***IHU On-Line* - Como se encontram ética e política na pessoa e no pensamento do Pe. Vaz?**

**Marcelo Perine** - Na pessoa do Pe. Vaz, encontram-se como se encontram na vida de qualquer honesto cidadão que tem consciência da sua dignidade humana e dos seus direitos e deveres de cidadão. Como cristão e como sacerdote, ele sempre foi reconhecido pela integridade com que viveu as exigências da moral cristã e pela fidelidade exemplar com que respondeu ao apelo da vocação religiosa e sacerdotal. No seu pensamento, os temas da ética e da política tiveram um lugar destacado. Basta um rápido olhar para a sua bibliografia para dar-se conta de que foram objetos privilegiados da sua meditação filosófica. Ética e política encontram-se no pensamento do Pe. Vaz como se encontram os grandes temas que fazem de um pensamento uma verdadeira filosofia e de um conjunto de escritos uma verdadeira obra filosófica. Com efeito, os seus escritos não traduzem a fugacidade de uma rapsódia dado que o seu pensamento se apresentou, desde muito cedo, como uma vigorosa apreensão do seu tempo no conceito, para fazer aqui uma evocação hegeliana.

***IHU On-Line* - Quais foram as principais contribuições de Vaz para compreendermos as relações entre fé-ética-política?**

**Marcelo Perine** - Reporto-me aqui à entrevista concedida a Marcos Nobre e José Marcio Rego, publicada em *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000. Naquela entrevista a pergunta era sobre a relação com a religião e a fé, mas a resposta pode ser transposta para o problema da relação entre fé, ética e política. Pe. Vaz diz, substancialmente, que jamais experimentou conflitos interiores a respeito da compatibilidade entre suas

convicções religiosas e sua profissão de filósofo e professor de filosofia, porque se guiou sempre pela diretriz de Santo Agostinho<sup>3</sup>: crer para entender e entender para crer. Essa dialética agostiniana entre fé e razão, que assegurou ao Pe. Vaz uma convivência fecunda entre a fé que professava e a razão que praticava, pode ser aplicada às relações entre a fé e os compromissos éticos e políticos que incumbem ao cristão na qualidade de cidadão. A fé cristã não é um código de ética nem muito menos um programa político. Mas a adesão à oferta de salvação que Deus faz à humanidade na pessoa de seu filho, Jesus Cristo, tem conseqüências muito concretas no comportamento ético das pessoas e dos grupos, assim como nas suas opções políticas. Nesse ponto, Pe. Vaz nunca tergiversou, seja no seu comportamento pessoal, seja nas posições teóricas que assumiu em seus escritos.

***IHU On-Line* - De que forma Vaz dialoga com a modernidade? Como sua filosofia demonstra a crise que vive esse período?**

**Marcelo Perine** - O diálogo com a modernidade atravessa a obra filosófica do Pe. Vaz desde as suas primeiras publicações. As reflexões sobre o marxismo no final dos anos 1950, sobre cristianismo e consciência histórica no início dos anos 1960, o enfrentamento de temas candentes como a história, a ideologia e os direitos humanos nos anos 1970, as penetrantes análises da sociedade, das relações entre ética e política, da relação entre cristianismo e pensamento utópico, assim como sobre a democracia e a dignidade humana e

---

<sup>3</sup> Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

sobre a idéia de revolução nos anos 1980, tudo isso culmina na impressionante síntese dos anos 1990 em torno dos temas da ética, da cultura e da própria modernidade, que desembocará na sua última obra *Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002. A forma, portanto, do diálogo com a modernidade foi marcada pelos instrumentos conceituais adquiridos na rigorosa formação escolástica e na fecunda apropriação de elementos da filosofia moderna e contemporânea. Seria longo tentar dizer como a sua filosofia demonstra a crise desse período. Entretanto, estou convencido de que uma preocupação ocupou o horizonte intelectual do Pe. Vaz nos últimos vinte anos da sua reflexão: a crise ética como crise de sentido, cuja expressão mais aguda é o niilismo.

***IHU On-Line - Como o senhor vê a forma como o Pe. Vaz expôs a problemática entre a consciência contemporânea da modernidade e a consciência cristã?***

**Marcelo Perine** - Penso que o próprio Pe. Vaz respondeu de maneira magistral a essa questão na já citada *Conversa com filósofos brasileiros*. Solicitado a explicar uma afirmação: “Pensar a liberdade ou unir dialeticamente liberdade e razão, eis a única tarefa da filosofia”, que aparece no artigo *Filosofia e Cultura*, ele disse o seguinte: “Como encontrar um lugar para a liberdade no universo da razão? Eis o desafio maior e, de certo modo, a tarefa única da filosofia, pois se trata de um problema que tem repercussões imediatas e decisivas na antropologia filosófica, na ética, na política, nas concepções, em suma, do universo, do ser humano e de Deus. Para o cristianismo, esse tornou-se, a partir sobretudo de Santo Agostino, um problema fundamental para a reflexão teológica, pois a fé se apresenta como uma “geratriz de razão”, no dizer de E. Gilson: *Crede ut intelligas*. Ele encontrou uma solução

genial em Santo Tomás de Aquino<sup>4</sup>, no qual nos inspiramos na nossa *Antropologia filosófica, vol. I. Pensar a liberdade* foi, talvez, o *leitmotiv* maior do filosofar hegeliano, como procuramos mostrar no capítulo sobre a ética de Hegel<sup>5</sup>, na *Introdução à ética filosófica I*. Portanto, é principalmente na sua *Antropologia filosófica* que deve ser buscada a resposta à pergunta pelo modo como ele expôs a problemática entre a consciência contemporânea da modernidade e a consciência cristã.

***IHU On-Line - O que significaria as bases de uma ética universal de fundo transcendental traçada por ele?***

---

<sup>4</sup> **Santo Tomás de Aquino** (1227 - 1274): frade dominicano e teólogo italiano. Seus interesses não se restringiam à religião e à filosofia, ele também se interessou pelo estudo de alquimia, tendo publicado uma importante obra alquímica chamada *Aurora Consurgens*. O mérito transcendente de São Tomás consistiu em introduzir aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. São Tomás é considerado um dos maiores mestres da Igreja, pois conseguiu alcançar um profundo entendimento da espiritualidade cristã. (Nota *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Nesse livro, Hegel considerava uma variedade tão grande de concepções quanto os diversos estados da mente, e encarava-as como estágios no desenvolvimento do espírito em direção a uma maior maturidade. Sua segunda obra, *A Ciência da Lógica*, faz uma análise sistemática dos conceitos. Sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* contém todo o seu sistema de uma forma condensada. O último livro de Hegel foi *A filosofia do direito*. Depois de sua morte, seus alunos publicaram suas conferências sobre filosofia da história, da religião, da arte e sobre história da filosofia, usando principalmente suas anotações. (Nota da *IHU On-Line*)



**Marcelo Perine** - A resposta anterior abre caminho para responder a esta pergunta. Creio que as bases de uma ética universal de fundo transcendental devem ser buscadas numa filosofia que consiga encontrar o lugar para a liberdade no universo da razão. Quero recordar uma afirmação que aparece no impressionante artigo sobre *Presença de Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século XXI*, publicado em 1998, na *Revista Síntese*, e incluído como capítulo 15 do seu último livro, *Raízes da modernidade* São Paulo: Loyola, 2001. Ele diz: “A formação histórica da chamada modernidade está provavelmente chegando ao seu fim. O que virá depois não será uma qualquer pós-modernidade mas a passagem da modernidade como programa e civilização para a modernidade como forma definitiva de uma nova civilização”. Pois bem, é diante desse horizonte, cujas linhas de fundo do seu relevo são constituídas pelos temas da história, da metafísica e da ética, que ele pergunta se é possível justificar a presença intelectual de Tomás de Aquino “num século que se anuncia como cenário das mais espetaculares transformações nas idéias e nas vidas dos homens, e que assistirá à provável consagração definitiva de uma civilização não-religiosa?” A sua resposta é afirmativa e, das quatro posições doutrinárias que atestam a originalidade criadora do pensamento de Tomás de Aquino filósofo, quero citar apenas a quarta, que consiste na empresa de “integração orgânica da ética clássica, recebida sobretudo da sua conceptualização aristotélica, na tradição da ética cristã”. Creio que nessa luminosa intuição filosófica estaria o núcleo da resposta à pergunta pelas bases de uma ética universal de fundo transcendental.

**IHU On-Line** - De que forma o pensamento do Padre Vaz influenciou

**a ética que foi se formando na civilização brasileira?**

**Marcelo Perine** - A pergunta tem dois pressupostos passíveis de contestação. Não me parece evidente que se possa falar de uma civilização brasileira e nem que uma ética se tenha formado nela. Certamente se pode falar de cultura brasileira e de grandes influências que foram determinantes para a sua formação. É inegável que a moral de inspiração cristã teve um papel determinante na formação do *ethos* brasileiro desde a sua origem. Mas, a essa influência outras vieram se somar ao longo da nossa história. O positivismo, por exemplo, teve grande penetração nas elites brasileiras quase concomitantemente ao seu surgimento na França. Uma possível influência do pensamento do Pe. Vaz deve ser pensada no âmbito da reflexão filosófica, inspirada no humanismo cristão, sobre os grandes desafios éticos que o mundo moderno apresenta. Nesse ponto, a sua influência foi considerável. Basta pensar em alguns de seus textos que tiveram grande impacto em diferentes meios que podem ser chamados de formadores de opinião. Destaco apenas um à guisa de exemplo: “Cristianismo e mundo moderno”, publicado em 1968 na revista *Paz e Terra*, que logo depois foi fechada pelo governo militar após o AI-5<sup>6</sup>. Eu poderia citar também outros grandes textos formadores de opinião, publicados na primeira fase da revista *Síntese*, como os três sobre *Marxismo e Filosofia* (1959), os dois sobre *Cristianismo e consciência histórica* (1961), além das grandes reflexões sobre a ética, a política, a

---

<sup>6</sup> Ato Institucional nº 5: conhecido como AI-5, foi assinado pelo presidente Arthur da Costa e Silva e publicado em 13 de dezembro de 1968, permitindo ao Executivo Nacional suspender as atividades dos legislativos de todos os níveis, cassar mandatos eletivos, suspender direitos políticos e confiscar bens, entre outras atribuições discricionárias. (Nota da *IHU On-Line*)

cultura, a história e a própria filosofia, publicados na nova fase da revista *Síntese* e reunidos posteriormente nos volumes de *Escritos de Filosofia*, a partir do final dos anos 1980.

***IHU On-Line* - Como ele entendia e vivia a relação fé e política em seu contexto? Ele tinha "inimigos" políticos e filosóficos?**

**Marcelo Perine** - O Pe. Vaz, antes de ter sido um filósofo e, certamente, depois de tê-lo sido, foi um homem de fé. Ora, viver a fé cristã implica assumir as exigências que ela apresenta para qualquer ordem social e política na qual ela se encarne. Ao longo da sua vida, Pe. Vaz respondeu de diferentes maneiras, todas elas coerentes com o contexto em que viveu, a essas exigências da sua fé. Por exemplo, no final dos anos 1960, como muitos de seus amigos provenientes da Juventude Universitária Católica (JUC) convergiram para o grupo político chamado *Ação Popular*<sup>7</sup>, mesmo sem nunca ter sido membro do movimento, teve nele uma participação informal e colaborou na redação de alguns de seus documentos, como ele mesmo declarou em entrevista coordenada pelo Prof. Franklin Leopoldo e Silva<sup>8</sup>, publicada nos *Cadernos de Filosofia Alemã* (n. 2, 1997). A partir dos anos 1970, dedicado totalmente ao magistério, na UFMG e, a partir de 1975, na Faculdade de Filosofia dos Jesuítas, sua atuação foi mais na linha da reflexão sobre os problemas de fronteira entre a fé e a cultura. Não creio que ele tenha tido inimigos políticos nem filosóficos. Ele sofreu um processo político, mas a partir de 1968, por força de um *habeas corpus*

<sup>7</sup> **Ação Popular**: movimento político nascido em junho de 1962, a partir de um congresso em Belo Horizonte, resultado da atuação dos militantes estudantis da JUC - Juventude Universitária Católica - e de outras agremiações da chamada Ação Católica. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> **Franklin Leopoldo da Silva**: confira entrevista com ele nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

recebido do Superior Tribunal Militar, não teve mais problemas com os órgãos de segurança. Certamente teve divergências teóricas com intelectuais brasileiros, mas nunca se ouviu em suas conferências, nem se encontra em seus textos, nenhuma palavra hostil ou mesmo deselegante com relação a essas pessoas. O tratamento que sempre deu a essas discordâncias foi estritamente teórico quanto ao conteúdo, e extremamente cordial quanto à sua forma de expressão, mesmo quando manifestou profundas discordâncias teóricas.

***IHU On-Line* - Hoje, quem retoma o pensamento do Padre Vaz no Brasil?**

**Marcelo Perine** - Não estou certo de que se possa dizer que algum filósofo hoje, no Brasil, retome o pensamento do Pe. Vaz. É sabido que em muitos centros acadêmicos no Brasil os livros do Pe. Vaz são lidos, estudados e até servem de base para cursos, como, por exemplo, os *Escritos de Filosofia II. Ética e cultura*, a *Antropologia Filosófica* ou a *Introdução à ética filosófica*. São Paulo: Loyola, 2000. Sabemos também que um crescente número de dissertações de mestrado e de teses de doutorado estão sendo produzidas sobre diferentes aspectos da sua obra. Eu mesmo já dirigi uma tese de doutorado que foi publicada na *Coleção Filosofia*, das Edições Loyola. Trata-se da obra de Rubens Godoy Sampaio<sup>9</sup>, *Metafísica e modernidade*. São Paulo: Loyola, 2006. O Prof. Rubens é também autor de outro livro sobre o Pe. Vaz, fruto da sua dissertação de mestrado: *O ser e os outros*. São Paulo: Unimarco, 2001. No momento, eu dirijo outra tese de doutorado sobre a filosofia do Pe. Vaz no Programa de Estudos Pós-graduados em Filosofia da PUCSP. Como se vê, há um grande interesse pela obra do Pe. Vaz,

<sup>9</sup> **Rubens Godoy Sampaio**: confira uma entrevista exclusiva com ele nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

mas não creio que se possa falar de alguma retomada do seu pensamento por algum filósofo brasileiro.

**IHU On-Line - O senhor afirma que os debates de moral e política podem ser articulados “numa teoria da ação que sirva de fundamento antropológico adequado às exigências éticas de um conceito de democracia que seja, ao mesmo tempo, expressão da dignidade humana e efetivação da comunidade ética”. Como isso é possível? O senhor poderia dar mais detalhes sobre essa afirmação?**

**Marcelo Perine** - Se não me engano, essa afirmação ou algo parecido encontra-se num texto que apresentei em 2001, na semana de filosofia em homenagem aos 80 anos do Pe. Vaz, e que foi publicado no volume *Saber filosófico, história e transcendência*. São Paulo: Loyola, 2002, organizado por João Augusto Mac Dowell<sup>10</sup>. Veja bem, a teoria da ação do Pe. Vaz está formulada no segundo volume da sua *Introdução à ética filosófica*. Nas duas partes em que se divide a obra são analisadas as estruturas subjetiva, intersubjetiva e objetiva do agir ético e da vida ética. Essa teoria da ação é perfeitamente coerente com a concepção do homem que o Pe. Vaz elabora com grande acribia nas três seções da parte sistemática da sua Antropologia filosófica, ao analisar as estruturas fundamentais do ser humano, as suas relações

---

<sup>10</sup> João Augusto Mac Dowell: filósofo brasileiro, reitor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), antigo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), em Belo Horizonte. Dele, confira a entrevista *A busca pelo sentido do ser*, concedida à edição 187 da *IHU On-Line*, de 3-7-2006, sobre Heidegger. As *Notícias Diárias* da página do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), de 28-8-2006 publicaram uma entrevista especial com Mac Dowell, intitulada *Abandonar qualquer cálculo racional na busca de ser bom e de fazer o bem*, a respeito da vida e da obra de Dom Luciano de Almeida. (Nota da *IHU On-Line*)

fundamentais e a unidade fundamental do ser. Ora, é essa concepção do ser humano e do seu agir que permite pensar filosoficamente um conceito de democracia como o espaço eminentemente político da relação entre os homens tecida como relação da igualdade na diferença ou como “domínio da igualdade reconhecida”, como escreveu o Pe. Vaz num texto de 1985 sobre *Democracia e sociedade*. Portanto, esse conceito político de democracia supõe um radical fundamento ético para que possa permitir que a idéia de liberdade, constitutiva da consciência moral dos cidadãos, ocupe na comunidade democrática a posição e matriz conceptual que a idéia de justiça ocupa no universo político. Pensada com base nas exigências éticas intrínsecas à ação política, a democracia é o regime que mais adequadamente expressa a dignidade humana, que reside no seu ser moral. Foi exatamente isso que pretendeu mostrar o Pe. Vaz num texto de 1988 sobre *Democracia e dignidade humana*. E foi isso que eu pretendi mostrar naquele texto de 2001, do qual me permito citar aqui um parágrafo da conclusão: “Pensar a democracia como a mais elevada expressão política da dignidade humana, cuja raiz se encontra no seu ser moral, é o mesmo que pensar possibilidades ainda inéditas para nossa história, possibilidades que nos permitam inaugurar caminhos para atravessar seus inevitáveis desertos e, mais ainda, formular estratégias que conjurem de nossa civilização um triste destino de criadora de desertos”.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Marcelo Perine** - Sim. Quero concluir, recordando aqui o parágrafo final de um pequeno texto que apresentei num colóquio realizado na PUC-Rio, poucos

meses depois do falecimento do Pe. Vaz, e que foi publicado num volume que organizei em sua homenagem: ***Diálogos com a cultura contemporânea***. São Paulo: Loyola, 2003. O texto se intitula *Pe. Vaz: a plenitude de uma vida filosófica*, e conclui-se assim: “A meu ver, a explicação para a admirável unidade entre a vida e a obra de Pe. Vaz está em que nele a razão e o coração estiveram irmanados, reconciliados, na serena busca da verdade, que desde a origem foi a estrela polar da filosofia. Eis porque quanto mais ele se aproximou das suas

vésperas, tanto mais a vida filosófica de Pe. Vaz revelou aquilo mesmo que a fez matinar. Foi por isso que no encerramento da Semana Filosófica em homenagem aos seus 70 anos, concluí minha saudação com um adágio italiano que, a meu ver, se aplicava perfeitamente à vida e à obra filosófica de Pe. Vaz. Com aquelas palavras, então, ditas no tempo presente, hoje, saudosamente no irreversível pretérito, concluo também esta homenagem: Padre Vaz era *come il vino, invecchiando diventa fino*”.

# A banalidade da ética e da política

Entrevista com Franklin Leopoldo e Silva



Franklin Leopoldo e Silva é doutor em Filosofia e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Ele irá participar do *Simpósio Internacional O Futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* a ser realizado em maio de 2007, na Unisinos, promovido pelo IHU.

O professor da USP falou na entrevista que segue, concedida por e-mail à *IHU On-Line*, sobre política

brasileira e políticos, PT, moralidade como política, campanha pelo voto nulo e comentou as próximas eleições de outubro no Brasil. Confira a entrevista realizada, originalmente veiculada nas *Notícias Diárias* da página do IHU, em 14-9-2006.

***IHU On-Line - O que o senhor poderia falar sobre a conferência *Moralidade como Política*, que proferiu no seminário *Esquecimento da Política*?***  
**Franklin Leopoldo e Silva** - Escolhi como subtítulo da palestra a expressão *Banalidade da Ética*, que revela a inspiração do texto em Hannah Arendt<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza o regresso a uma concepção política separada da esfera económica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas, 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote., 1978; *O Concelto de Amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget; *A Vida do Espírito*. v.I. Pensar. Lisboa: Instituto Piaget; *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'Água; *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensalos*. Lisboa: Relógio D'Água (edição da Perspectiva, 2002). Sobre Arendt, confira o número 168 da *IHU*

e seu livro *Eichmann em Jerusalém*<sup>12</sup>. Segui o raciocínio dessa autora no sentido de mostrar que as condições sobre as quais agiram Eichmann<sup>13</sup> e outros nazistas, e que se configuram como a incapacidade de julgar, não são exclusivas daquele período, mas podem ser consideradas como o solo histórico do desenvolvimento político da modernidade. O juízo político, ou ético-político, relaciona-se com o que

*On-Line*, de 12 de dezembro de 2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>12</sup> *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>13</sup> **Adolf Otto Eichmann** (1906-1962): oficial do alto escalão na Alemanha Nazista e membro da SS (Schutzstaffel). Foi responsável pela logística do extermínio de milhões de pessoas durante o Holocausto, em particular pelos judeus, na chamada Solução Final. Organizou a identificação e o transporte de pessoas para os diferentes campos de concentração, sendo por isso conhecido frequentemente como o executor chefe do Terceiro Reich. (Nota da *IHU On-Line*)

Aristóteles<sup>14</sup> chamava de *Phronesis*, discernimento ou prudência, que Arendt acredita reencontrar no juízo reflexionante da *Crítica do Juízo*, de Kant<sup>15</sup>.

Como se sabe, esse tipo de juízo não se efetua com base em determinações gerais de ordem lógica existentes *a priori* na razão, mas sim, com base na consideração reflexiva de objetos ou situações particulares, vistas subjetivamente e alçadas a um patamar de universalidade não-teórica nem lógica. Seria algo aplicável à transformação das

---

<sup>14</sup> **Aristóteles de Estagira** (384 a. C. – 322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>15</sup> **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para download na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

opiniões subjetivas em opinião pública numa situação em que a palavra poderia ser compartilhada pelos cidadãos, como na democracia grega. Para isso, é necessário que a opinião subjetiva não expresse o interesse particular, mas que o indivíduo, como cidadão, possa considerar, embora subjetivamente, o interesse geral.

Foi essa forma de fazer política que se perdeu na modernidade, em que o interesse privado, motor da civilização capitalista, coloca-se como critério ético e político. Conseqüentemente perdeu-se também a figura do indivíduo-cidadão (a individualidade lastreada pela comunidade) e instalou-se a hegemonia do interesse privado, sendo o centro de gravidade moral do capitalismo, a vida privada. Como decorrência veio o empobrecimento da vida pública e o processo de dissolução da esfera pública como lugar e fonte do poder. Os totalitarismos do século XX dão testemunho dessa mudança e do caráter meramente formal das democracias contemporâneas. Daí o desaparecimento das condutas e dos critérios públicos para avaliar as condutas ditas políticas. O espaço público foi reduzido à publicidade, e a vida pública, ao jogo de interesses privados que se digladiam ou se alternam. Não há sinais de que essa situação possa ser revertida. Daí a banalização tanto da ética quanto da política, devido à extinção dos vínculos internos que as ligavam.

***IHU On-Line* - O senhor acha correto falarmos hoje em banalidade da política no Brasil? Franklin Leopoldo e Silva** - A banalidade da política deriva de seu desaparecimento, o que faz a política ser confundida com ações e critérios que nada têm a ver com a essência da política definida como vida pública institucionalmente organizada. A política tornou-se algo trivial porque ela foi

degradada até o ponto de seu esquecimento ou desaparecimento. Não é o caso somente do Brasil, mas de muitos outros países com diferentes níveis de desenvolvimento. O individualismo exacerbado e o completo controle social da vida individual (duas coisas que parecem contrárias, mas que se combinam perfeitamente no mundo globalizado) são as causas mais importantes dessa situação.

***IHU On-Line* - A opinião pública, tendo o conhecimento dos políticos atuais, tem como acreditar em uma moralidade na política brasileira?**

**Franklin Leopoldo e Silva** - Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que o que se chama de “opinião pública” nada mais é do que a manipulação dos indivíduos pelos dispositivos de poder e pelos meios de comunicação. O indivíduo é passivo e massificado pelos controles que sobre ele são exercidos. Sua opinião não é formada democraticamente, mas imposta por grupos que fazem passar interesses privados, ilegítimos e, em muitos casos, até ilegais como se fossem interesses da coletividade. Nessa situação, as pessoas estão reduzidas a uma avaliação precária de condutas privadas de políticos, como se a dimensão social fosse apenas a somatória de indivíduos meramente agregados e apegados a seus interesses privados. A preocupação com a moralidade privada deriva do desaparecimento da vida pública, cujo sustentáculo ético seria exatamente o despojamento do interesse privado. Isso é impossível nas condições históricas atuais, tanto no Brasil como em toda parte. As campanhas por bons indivíduos passam ao largo da necessidade de bons cidadãos.

***IHU On-Line* - O que teria de ser feito para que a política brasileira fosse**

**encarada com mais moralidade e respeito?**

**Franklin Leopoldo e Silva** - Antes de tudo, restabelecer a própria política, isto é, a vida pública autêntica. Não existe uma “ética da política”. As relações humanas são adequadas à finalidade de emancipação dos indivíduos quando são ética e politicamente autênticas: quando o indivíduo pode reconhecer no plano social as possibilidades de exercício real de sua subjetividade e de sua liberdade, ou seja, da cidadania. Isso implica ética e política como dimensões inseparáveis, que corresponde à ligação profunda entre indivíduo e cidadão. Não se tem respeito pela política porque ela não existe; e não se respeita à moralidade social porque, na ausência da política, ela não faz sentido. Quanto à moralidade individual e privada, ela se presta a um uso publicitário e eleitoreiro; somente a transparência da vida pública pode fornecer critérios de avaliação ético-política.

***IHU On-Line* - O que o senhor vê na política partidária feita no Brasil atualmente?**

**Franklin Leopoldo e Silva** - Os políticos se ocupam de negócios; e os partidos são as bases e os instrumentos para as negociações e as negociações. Nenhum dos partidos existentes promove a política no seu verdadeiro sentido ou exige de seus afiliados um comportamento político coerente com a idéia de vida pública. Não há qualquer critério político que governe a atuação dos partidos: tudo é decidido conforme vantagens e desvantagens nas negociações que são, ou diretamente financeiras, ou destinam-se a contemplar interesses privados na proporção do poder de pressão e de barganha dos diferentes grupos que estejam em situação de tirar vantagem. Qualquer observação superficial das casas do Congresso leva à visão de um

esvaziamento político e de uma degradação total, consentida por quase todos os parlamentares, tolerada pelos outros poderes e já incorporada como natural por boa parcela da população. Trata-se de uma situação que tende a reproduzir-se porque as condições são favoráveis à manutenção desse sistema.

**IHU On-Line - O PT tinha como bandeira ideológica a sua ética e a integridade de seus políticos. Depois de todas as acusações que aconteceram nos dois últimos anos, o senhor acha que o PT moralmente acabou?**

**Franklin Leopoldo e Silva** - O caso do PT não pode ser analisado separadamente da situação geral e dos padrões de sistema da "vida política" brasileira. Por mais forte que seja qualquer partido, ele não pode superar condições estruturais de degradação, a menos que renuncie a qualquer pretensão de poder. O sistema tem um extraordinário poder de fazer as intenções se adaptarem à realidade, tendo em vista várias justificativas. Mas o importante é que o sistema é mais forte do que qualquer partido. É possível fazer oposição dentro do sistema, mas não é possível fazer oposição ao sistema. As derrotas e as vitórias do PT mostraram igualmente onde está o poder e como ele é exercido, isto é, mostraram muito mais a força do sistema do que a força do partido. Como o PT tinha uma linha ideológica progressista e fazia uma oposição sistemática, abrindo espaço para expectativas radicais, a vitória do sistema nesse caso foi aparentemente mais chocante do que no caso de partidos já desde sempre inteiramente adaptados. Contudo, não foi surpreendente. Todos pudemos seguir as etapas da incorporação do partido ao sistema, tanto que a vitória não foi por todos festejada. Assim, não se trata de julgar o PT,

principalmente com um discurso moralista que é trivial e cínico, além de oportunista. Trata-se de avaliar de forma mais adequada a força do sistema e as possibilidades de transformação, inclusive criando formas de atuação que não passem pelas vias tradicionais.

**IHU On-Line - O senhor acha que esta campanha pelo voto nulo está repercutindo nos políticos por uma maior credibilidade da parte deles?**

**Franklin Leopoldo e Silva** - Os políticos não podem construir uma credibilidade maior; podem apenas forjar novas aparências de credibilidade, e isso depende das estratégias de marketing. A campanha pelo voto nulo tem como causa, pelo menos em parte, uma espécie de recusa ética da política. Ora, deixar de fazer política em nome da ética é um erro que reforça a separação entre ética e política. A política é, concretamente, a dinâmica da realidade social. Ficar indiferente à política é desdenhar a realidade social e, num país como o nosso, esse comportamento não pode ser considerado uma virtude. Para o sistema, no entanto, a indiferença política é muito positiva: alimenta a ilusão de que o indivíduo recolhido à sua particularidade e alheio ao social seria mais livre e mais autônomo. A democracia formal, aquela que vive da participação abstrata dos indivíduos, só tem a ganhar com essa atitude.

**IHU On-Line - O senhor acredita que as próximas eleições podem colher uma resposta direta da população contra a corrupção e os políticos atuais no País?**

**Franklin Leopoldo e Silva** - O voto nulo é uma resposta imediata, mas não é a mais eficaz. A política foi substituída por um sistema de gerenciamento tecnoburocrático, de teor economicista, que comporta a corrupção como parte



integrante de uma certa concepção de gestão privatista da coisa pública. Isso está muito bem enraizado, e o sistema não será abalado pelos episódios a que assistimos. Pelo contrário, tudo isso pode gerar procedimentos, inclusive legais, que protejam o sistema de eventuais instabilidades. Espetáculos públicos de moralização aparente produzem efeitos ilusionistas, mas não atingem o núcleo de uma ordem muito bem guarnecida.

|  
**IHU On-Line - Em 2007, o senhor estará participando do Simpósio Internacional *O Futuro da Autonomia* aqui na Unisinos, promoção do IHU. O**

**senhor já está pensando no tema que lhe foi proposto?**

**Franklin Leopoldo e Silva** - O tema que me foi proposto é *A subjetividade moderna. Possibilidades e limites para o cristianismo*. Ainda não tenho clara a linha que devo desenvolver. Mas o enunciado, assim como o tema geral do evento, sugere uma reflexão acerca das relações entre indivíduo e comunidade, pautada talvez na relação entre individualismo e moralização do interesse particular (ética do capitalismo), algo a ser confrontado com a universalidade concreta das exigências éticas cristãs.

## **“A política não é banal, mas o sistema formal de representação política”**

**Entrevista com Rudá Ricci**



Rudá Ricci é graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição, com a tese *Fuga para o Futuro: novos movimentos sociais rurais e a concepção de gestão pública*. Leciona na PUC-Minas e é coordenador do Instituto Cultiva e membro do Comitê Executivo Nacional do Fórum Brasil do Orçamento. É autor de *Terra de Ninguém: sindicalismo rural e crise de representação*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

Em entrevista exclusiva concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, Rudá Ricci falou sobre política brasileira e estrutura partidária, PT, intelectuais brasileiros na era Lula, oposição, campanha pelo voto nulo e as próximas eleições de outubro no Brasil. Confira a entrevista a seguir, que foi veiculada nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 20-9-2006.

***IHU On-Line* – Como o senhor avalia a sua percepção de que os partidos políticos no País se transformaram em máquinas empresarias em busca do voto?**

**Rudá Ricci** - Na verdade, minha percepção é que esse é um fenômeno mundial, mas que, no Brasil, tem significado peculiar. Começando pelo Brasil: em nosso país, o empresariamento partidário teve início com a polarização entre PT e PSDB, exigindo uma maior profissionalização da máquina política que, na minha opinião, pode ser denominada de americanização partidária (como na disputa entre Democratas e Republicanos, toda baseada no marketing e no staff técnico). Alguns autores, como Castells<sup>16</sup>, sugerem que o papel do Estado, com a globalização, se limitou à facilitação para investimentos de capital, criando um ambiente seguro para a sua atração. Ora, esta característica acaba por rebater no perfil e papel dos partidos. Um outro autor, Alain Touraine<sup>17</sup>, sugere, ainda, que a política se vinculou à economia globalizada e se apartou da dimensão cultural (dos valores, das tradições). Em síntese: há inúmeros estudos que indicam esta situação em que os partidos se aproximam da lógica empresarial, aumentando o corpo administrativo e o marketing e distanciando-se rapidamente do cotidiano das comunidades e agrupamentos sociais. Enfim, não representam mais nossa vida cotidiana, nossos valores e interesses. Representam

<sup>16</sup> **Manuel Castells** (1942): sociólogo espanhol. Durante a década de 70, Castells teve um importante papel no desenvolvimento da sociologia urbana Marxista. Enfatizou o papel dos movimentos sociais na transformação conflitiva da paisagem urbana. Nos meados da década de 90, juntou os lados de sua pesquisa em um sólido estudo, chamado *A Era da Informação*, publicado como uma trilogia entre 1996 e 1998. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>17</sup> **Alain Touraine**: sociólogo francês, conhecido por ter sido o pai da expressão "sociedade pós-industrial". (Nota da *IHU On-Line*)

as intenções e negociações do corpo administrativo partidário que, aliás, desconhecemos quem são porque nunca aparecem à luz do dia.

***IHU On-Line* – O que o senhor vê nas estruturas partidárias do Brasil?**

**Rudá Ricci** - São organizações prósperas, auto-referentes, que disputam entre si o poder político do País, limitados a um círculo restrito, numa esfera acima do homem comum. Estão no que um dia Francisco Weffort<sup>18</sup> denominou de sistema dual da política (os que votam e não têm poder, e os eleitos que administram a política). Não possuem, contudo, representação real, fincada no dia-a-dia dos cidadãos. Aproximam-se da lógica teocrática: seu poder de uma certeza pré-eleição que o voto apenas confirma como se fosse uma verdade absoluta. Não temos como interferir nos programas partidários ou de governo, nas campanhas, não há vinculação entre nosso desejo e a intenção partidária.

***IHU On-Line* – O senhor acha correto falarmos hoje em banalidade da política no Brasil?**

**Rudá Ricci** - A política não é banal, mas o sistema formal de representação

<sup>18</sup> **Francisco Weffort**: cientista político brasileiro. Foi, durante muitos anos, secretário-geral do PT, até assumir o Ministério da Cultura, já no primeiro mandato de FHC. Teve passagem marcante como analista e estudioso do Brasil moderno. Seus livros, ensaios e artigos, sempre versando sobre política e a construção de uma cultura e de um país democráticos, mostram as articulações de um autoritarismo endêmico que implantou seus alicerces no Brasil, resultando em práticas corporativas que paralisam qualquer esforço de democratização. De suas obras, destacamos: *América Latina: Ensayos de Interpretación Sociológico-Política* [com Fernando Henrique Cardoso], 1970 e *Por que Democracia?* (1984). Confira a entrevista concedida por Weffort à edição 192 da *IHU On-Line*, intitulada "A corrupção aumentou e a transparência diminuiu", disponível para download na página eletrônica do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

política. A política está viva, nas ruas, nas mobilizações sociais, no Fórum Social Brasileiro, na Semana Social Brasileira, na proliferação de Escolas da Cidadania, dos conselhos de gestão pública, no OP Criança. Enfim, a política criativa brasileira continua viva. O problema é a representação formal que rompeu com a lógica desta vida social real, pujante, e se tornou uma prática de gabinete.

***IHU On-Line - Qual a sua visão do mandato de Luís Inácio Lula da Silva? O que podemos esperar de um possível segundo mandato da Era Lula?***

**Rudá Ricci** - Lula não é uma liderança de esquerda e, portanto, não se propõe a criar grandes mudanças no País. Ele é um líder pragmático e popular. O problema central é a senha que ele fixou na relação com o Congresso Nacional: tudo é possível de ser negociado, com cada parlamentar, negociando interesses muitas vezes pequenos. O deputado recém-eleito já sabe qual a lógica da barganha. O segundo problema é que ele sai consagrado das urnas o que deve aumentar seu pragmatismo. Uma consequência parece certa: ele tentará fundir o PT com os partidos de esquerda que não conseguirem superar a cláusula de barreira (PSB e PCdoB são dois partidos que são citados nas rodas de Brasília) e avançará, com programas federais, sobre os governos de Aécio Neves<sup>19</sup> e José Serra, procurando isolar FHC.

***IHU On-Line - No seu entendimento, como se portaram os intelectuais brasileiros desde a eleição de Lula?***

**Rudá Ricci** - Acuados. Alguns se rebelaram e chegaram a exagerar no grau de ataques, quase que pessoais. Este é o

---

<sup>19</sup> **Aécio Neves**: político brasileiro. Em 2002 foi eleito governador do estado de Minas Gerais. (Nota da *IHU On-Line*)

caso de Chico de Oliveira<sup>20</sup>. Outros, construíram um discurso tortuoso, como o de Marilena Chauí<sup>21</sup>. Mas a maioria se calou e foi cuidar de sua vida, o que revela que a academia está mais privatista e individualista. Falta espírito público.

***IHU On-Line - Que papel a oposição teve neste governo Lula?***

**Rudá Ricci** - O de contraface do governo, ou seja, uma imagem invertida no espelho. A rigor, não existe oposição, mas disputa por cargos públicos. Não existem projetos alternativos. Perceba como eles (PFL e PSDB) recuaram nos ataques ao governo Lula. Recuaram na prática, já que o discurso continuou raivoso. Uma prática tipicamente publicitária. Outros partidos menores de oposição precisam ainda de uma certa provação eleitoral para termos certeza a que vieram.

***IHU On-Line - A população brasileira está mais preparada para enfrentar mais uma eleição?***

**Rudá Ricci** - Eleição nunca é ruim. É um ritual democrático, embora a democracia não se resuma à eleição. Portanto, estamos sempre preparados. O problema é outro. É como se estivéssemos com fome, mas nos oferecessem um prato de algo que não nos agrada. Fica o conflito entre a fome e a rejeição à comida.

***IHU On-Line - Qual a sua interpretação sobre esta Campanha do Voto Nulo?***

**Rudá Ricci** - Acho algo inútil e equivocado. O voto é a delegação de um poder que é meu. Jogar fora o voto é

---

<sup>20</sup> **Chico de Oliveira**: sociólogo brasileiro. Sua contribuição mais recente à *IHU On-Line* aconteceu na edição 192 da *IHU On-Line*, com a entrevista "You votar nulo como protesto", publicada em 21-8-2006, disponível para *download* na página eletrônica do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>21</sup> **Marilena Chauí**: filósofa e professora da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP. (Nota da *IHU On-Line*)

jogar fora este poder. E, pior, não ataca o centro do problema que é o sistema partidário não representativo. É como se um jogador batesse uma falta e, com a bola batendo na trave, resolvesse destruir a trave. O problema não é o voto, mas o sistema partidário. E não vejo ninguém da campanha pelo voto nulo apresentar uma saída para este problema. É mais um ressentimento infantil, como se quisesse dizer que não está gostando, mas não assume o poder de cidadania. Acho que é uma rebeldia sem causa. O voto é um

direito, não um favor. É como deixar de receber o salário porque ele é baixo. Não existe consequência racional neste ato. Pelo voto, posso expressar uma intenção, uma mudança, mas não basta: temos que aumentar o poder da cidadania e diminuir o poder dos governos. Temos que aumentar o poder dos conselhos públicos de gestão e responsabilizar as autoridades públicas, exigindo metas políticas e sociais. Temos que aumentar o poder das ruas e do homem comum.

## O voto nulo e a fratura exposta da política oficial

Entrevista com Tales Ab'Sáber

Tales A. M. Ab'Sáber é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e doutor em Psicologia clínica / Psicanálise pela USP. Ele é autor de *O Sonhar Restaurado*. São Paulo: Ed. 34, 2005 (Prêmio Jabuti 2006). Nesta entrevista, realizada por e-mail para a revista *IHU On-Line*, o psicanalista falou sobre política brasileira e os políticos, campanha pelo voto nulo e as próximas eleições de outubro no Brasil. Confira a entrevista a seguir que foi veiculada nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 18-9-2006.

***IHU On-Line* - O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Marco Aurélio de Mello, tem tentado estimular o voto até mesmo comparando o voto nulo a uma avestruz que na tempestade de areia enfia a cabeça em um buraco, o que mostraria a desinformação e o desinteresse. O senhor diz o contrário, afirmando que o voto nulo é o voto hiperinformado. O senhor poderia falar desse seu ponto de vista? O que representa o voto nulo para as próximas eleições?**

**Tales Ab'Sáber** - Tanto na clínica psicanalítica contemporânea quanto no desenvolvimento de uma certa filosofia política do século XX, foi necessário conceber um tipo de trabalho simbólico que poderíamos chamar de "o trabalho do negativo". Nas condições atuais da vida pública e no andamento da política no Brasil, com a crise ética revelando a verdade de fundo do que é a política sobre o controle estrito do capital, hoje capital financeirizado e globalizado, o grande e velho balcão de negócios das classes privilegiadas, fica muito claro o aspecto particular, ineficaz, privatista e

desinteressado que é a verdade da política entre nós. O Brasil continua atrasado com relação a todos os parâmetros sociais desejáveis para um país moderno e para uma ação social contemporânea, e continuamos a ver todos os agentes políticos praticarem uma sistemática recusa e uma constante denegação da verdade das condições fracassadas nacionais, incluindo aí o funcionamento catastrófico da política oficial, fratura exposta à vista de todos. A denegação é o centro da política de propaganda e autocomplacência que se generalizou, técnica desenvolvida ao extremo pela república privatista tucana, e levada às últimas conseqüências pelo cinismo popular do alto mandatário petista. No Brasil, parafraseando um antigo clássico da antropologia francesa, o Estado, e seus setores sociais interessados, se posiciona, cada vez mais, contra a sociedade. Assim tem sido, com toda a falsa, e muito interessada, modernização neoliberal, que paralisou a economia nos últimos 15 anos, não resgatou a tragédia social local, e garantiu o rentismo irresponsável do mínimo andar de cima brasileiro, do qual fazem parte, e com muito gosto, pessoas como o presidente do TSE. O mesmo processo garantiu também, e tal submissão consentida e masoquista não é pouco importante na coisa toda, o conforto ideológico do andar de cima global, que funciona pautado pelos *think tanks* de Wall Street<sup>22</sup> e Washington. O negativo já está funcionando a todo vapor na própria posituação de tal cisão radical entre política e vida social no Brasil, que vem mesmo do centro oficial da política, com seus aparelhos ideológicos de Estado conexos, coisas como o grande TSE. O

<sup>22</sup> **Wall Street:** rua que corre na Manhattan Inferior, e é considerado o coração histórico do atual Distrito Financeiro da cidade de Nova Iorque, onde localiza-se a bolsa de valores de Nova Iorque, a mais importante dos Estados Unidos e uma das mais importantes do mundo. (Nota *IHU On-Line*)

voto negativo, política radical e informada, é, para muitos de nós, a única nomeação da verdade das coisas desta república particular, que nega a verdade da vida nacional, esta coisa nova, mas tão velha, que mal é um país, e que resta nomear, chamada Brasil.

***IHU On-Line - Já se pode ter uma base de que parte da população irá votar nulo nesse ano? Se são eleitores urbanos, do interior, com estudo etc.?***

**Tales Ab'Sáber** - Seriam necessários estudos estáticos mais precisos para sabermos isso com clareza, mas os institutos não medem esta intenção com rigor, e não querem animar este debate, comprometidos pelos setores interessados na continuidade da política nacional sem fissuras. Por sua vez, o interesse vivo que entrevistas como esta tem despertado nas pessoas faz parte do movimento simbólico de desrecalque desta polaridade negativa mais radical do voto, um movimento que talvez esteja apenas se iniciando no Brasil. O que posso dizer, com base em uma avaliação qualitativa e simbólica que um analista está sempre a fazer, e que qualquer cidadão pode realizar, é que evidentemente o tema do voto nulo, sua dimensão significativa, passou para o plano central do campo simbólico da política no Brasil, alcançando em cheio as classes médias nacionais, os formadores de opinião, como uma dimensão legítima da ação política no espaço e nas práticas fracassadas da república danificada brasileira. É o trabalho do negativo. Isso de um modo que a nossa democracia complacente jamais viu.

**Pequeno exemplo**

Posso dar um pequeno exemplo sobre isso, de caráter qualitativo, mas eloqüente. Minha família em São Paulo, meu pai minha mãe, meus irmãos, como talvez seja sabido, são muito ligados à

política e ao PT. Meu pai, o geógrafo Aziz Ab'Sáber, foi um dos idealizadores das caravanas da cidadania, que mobilizaram Lula após a derrota de 2003 para FHC, e sua mágica Real. Na última eleição para prefeito em São Paulo, com base em uma avaliação da drástica guinada à direita petista, e seis meses antes das denúncias do mensalão, todos nós, com exceção de um, que sempre votamos no PT e em Lula, e avaliávamos muito positivamente a prefeitura de Marta Suplicy, anulamos o voto, como tentativa, fracassada, de sinalizar algo ao governo federal. É certo, como a própria Marta declarou que este voto negativo, enviado a Lula, ajudou na sua derrota. Sei de muitos cidadãos que tomaram esta posição, e já na época circulou em São Paulo um manifesto de intelectuais pelo voto nulo, ou por um voto à esquerda do governo. Posso dizer que, dentre os de minha família, não fui eu quem votou na Marta.

***IHU On-Line - O senhor acredita que aquele PT ideológico, de luta, de esquerda acabou?***

**Tales Ab'Sáber** - Este processo me parece selado. O PT é hoje um partido pragmático, cuja primeira ação no governo foi expulsar a ala esquerda do partido, para não ter nenhum texto ou contradição no seu alinhamento amplo, geral e irrestrito com as práticas políticas clientelistas e fisiológicas da tradição brasileira, e com o financeirismo desbragado dos mercadores de dinheiro público. Na seqüência do processo de normalização do PT com o continente da política e dos poderes brasileiros, o partido foi sacrificado e destruído em todo seu patrimônio histórico, com todas as suas lideranças hoje respondendo na justiça por graves crimes de responsabilidade e corrupção, apenas para salvar a pele da liderança popular e demagógica que é o Lula, que com o retorno ao poder deve trabalhar para

salvar a pele de seus companheiros. O que esperar de tal gente?

***IHU On-Line - Por que a oposição ao governo federal não é uma oposição questionadora e efetiva como o próprio PT fazia?***

**Tales Ab'Sáber** - Porque o PT alinhou à direita, e a direita não mudou de posição. A passagem drástica do PT para as práticas políticas tradicionais e para o campo das garantias de ganho dos verdadeiros detentores do poder no Brasil equalizou todas as forças políticas, esvaziando o interesse e as paixões no campo, e o que se discute hoje é apenas uma ideologia de superfície, de caráter personalista: quem é melhor governante do mesmo, que não mudará de nenhum modo, o líder popular que andou de pau-de-arara quando criança, ou o bom moço de classe média paulista, o filho que toda a mãe pequeno burguesa gostaria de ter?

***IHU On-Line - Qual a sua impressão: um segundo mandato de Lula ou um governo de Geraldo Alckmin? Como ficaria o Brasil em cada caso?***

**Tales Ab'Sáber** - Creio que, de todo modo, pior. Já há um adendo para aprofundar a reforma da previdência, tucano-petista, que aguarda na gaveta de qualquer candidato eleito, não há nenhuma sinalização de transformação na política de juros e de produção, não há nenhum interesse político na fortificação de salários, que no Brasil historicamente recuam drasticamente após as eleições, o que não deve alterar em nada a vergonhosa pior concentração de renda do mundo, que é brasileira. A vitória da propaganda desbravada, e antipolítica, deve prorrogar indeterminadamente estes governos de propaganda da república particular do Brasil. Vamos ver como, neste cenário horrível para os pobres e as classes médias, enfim, para os trabalhadores, vão

reagir às pós-modernas indústrias do crime e da corrupção generalizadas, as únicas que têm de fato crescido.

***IHU On-Line* - Qual o futuro da direita no País caso ocorra um segundo mandato de Lula? O senhor acha que Lula trabalharia um enraizamento do PT no Estado brasileiro?**

**Tales Ab'Sáber** - Lustrando a bola de cristal, e com base no que todos sabemos, vou arriscar um cenário quase óbvio. A direita é fisiológica e interessada. Já vimos o PFL sinalizando com o fim da aliança com o tucanato, que esgotou de fato a sua força ideológica real, e que somava o velho coronelato nordestino, advindo praticamente incólume da ditadura militar, com a elite tecnocrática paulista e uspiana, sintonizados com o momento atual do capitalismo global. Como na ocasião daquela aliança, em 2003, a direita vai demonstrar a sua enorme capacidade de mudar de lado, fazer mesura ao poder e encontrar um nicho de sobrevivência e reposição dos seus antiqüíssimos redutos e práticas de poder pré-modernos. Uma parte dela, provavelmente significativa, deve seguir

Lula, como o cachorro que segue o cheiro da raposa. Não há nenhum constrangimento do PT a este movimento, que é esperado e bem-vindo, e que vai servir ao pacto de normalização da política, esquecendo-se de todos os culpados, no interior da política e no exterior dela, no mercado. O tucanato vai viver uma crise radical das forças políticas regionais distintas que compõem o PSDB, e que já encenaram sua guerra, na surdina e nos bastidores, nas decisões ao redor da candidatura Alckmin. Será difícil manter a hegemonia dos tucanos de alta plumagem paulista sobre o partido, mas eles vão tentar, e a recente e patética carta de FHC é uma tentativa, bem fraca, de sair nesta disputa com uma cabeça à frente. O PT deve dissipar completamente o seu caráter ideológico e de esquerda, aliás, o que já ocorreu, virando alguma coisa entre um PMDB, sócio remido do estado brasileiro, e o PSDB, uma sigla de elite de três ou quatro caciques em busca de uma mísera boa idéia.

# **destaques da semana**

<b>Teologia Pública</b>	<b>pg. 25</b>
<b>Entrevista da Semana</b>	<b>pg. 29</b>
<b>Artigo da Semana</b>	<b>pg. 32</b>
<b>Deu nos jornais</b>	<b>pg. 35</b>
<b>Destaques On-Line</b>	<b>pg. 36</b>



# Uma discussão sobre a teologia na contemporaneidade

Entrevista com o teólogo Christian Duquoc

Christian Duquoc é teólogo dominicano francês, professor emérito da Faculdade de Teologia na Universidade Católica de Lion, França, e diretor da revista *Luz e vida* e membro da direção da revista *Concilium*. É conhecido, sobretudo, por seus estudos sobre cristologia. De suas obras, confira *Cristologia: o Messias*. São Paulo: Loyola, 1980; *Cristologia: o Homem Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002; *Cristianismo, memória para o futuro*. São Paulo: Loyola, 2005; *A teologia no exílio*. Petrópolis: Vozes, 2006. Ele aceitou conceder, por e-mail, uma entrevista com exclusividade para a revista *IHU On-Line*, falando sobre os rumos da Teologia na contemporaneidade. Confira.

***IHU On-Line* - O título do seu livro, *A teologia no exílio* aponta para a dificuldade da teologia ressituar seu lugar e achar seu próprio caminho no mundo de hoje. Como as transformações da cultura contemporânea incidem sobre a teologia? O que mais dificulta à teologia ocupar um lugar na cultura contemporânea?**

**Christian Duquoc** - Depois de *La théologie en exil*<sup>23</sup>, publiquei mais dois livros: *L'unique Christ, la symphonie différée*. Paris: Cerf, 2002 e *Dieu partagé, le doute et l'histoire* Paris: Cerf, 2006. O primeiro estuda as conseqüências para a cristologia da legitimidade do pluralismo religioso. O segundo, esforça-se em estabelecer a fecundidade do confronto entre a busca não-bíblica de Deus, incluindo sua negação atéia no Ocidente e a originalidade do Deus que reside na narrativa bíblica. Este livro se aproxima das questões levantadas nessa

primeira pergunta. Na verdade, a teologia representa um esforço para pensar em uma situação cultural, dada a singularidade da narrativa bíblica. Ela se encontra confrontada a uma falta: o pedestal social religioso se enfraquece, as instituições que ele sustentava estão desconsideradas, a moral originada no cristianismo tornou-se um bem comum pelo intermédio dos direitos do homem. Julio Cortazar<sup>24</sup>, em sua novela *L'homme à l'affût*<sup>25</sup> exprime, com veemência, a situação contemporânea: "O jazz, a mulher, o trabalho... tudo para se estar feliz, diz o herói da narrativa, o músico Johnny. Armadilhas, acrescenta ele, ... pois

<sup>23</sup> *A teologia no exílio*. Petrópolis: Vozes, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>24</sup> **Julio Cortazar** (1914-1984): escritor argentino, professor de Literatura. Exilou-se em Paris. Cortázar faz uma ruptura com o realismo, é influenciado pelos surrealistas franceses e abre as portas à ficção fantástica. Autor de 22 livros, dos quais um dos mais conhecidos e prestigiados é *O jogo da amarelinha*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999. *Rayuela* é o seu título original, tendo sido publicado em 1963 (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>25</sup> *L'homme à l'affût*. Paris: Gallimard, 1973. (Nota da *IHU On-Line*)

não é possível que não exista outra coisa, não é possível que se esteja ao mesmo tempo tão perto da porta e tão definitivamente do outro lado dela... É teu bom Deus (o Deus cristão) que tenho na garganta... Se ele está de fato do outro lado da porta, pouco me importa. Não há mérito algum em passar para o outro lado, se é ele quem a abre. Ah! Se pudéssemos derrubar a ponta-pé esta porta, isso sim seria alguma coisa!...”

Em algumas palavras simples, tudo é dito sobre a distância entre a busca humana do absoluto e a repulsão que o bom Deus provoca pela sua boa vontade intervencionista. Sua presença na história é a objeção mais forte à sua verdade. Esta oposição, seguidamente agressiva, descontenta os teólogos mais voltados ao diálogo.

***IHU On-Line - É inegável a situação de marginalidade em que se encontra a teologia hoje. Não poderíamos pensar que esta situação abre à teologia possibilidades novas dela pronunciar uma palavra autônoma e original, em diálogo com a cultura contemporânea?***

**Christian Duquoc** - A teologia é um reflexo, ela não é autônoma como se pensa geralmente, pois vive no seio de uma instituição. Sua marginalidade presente vem da vontade coletiva de definir o destino terrestre com base em seus próprios projetos. Eles serão a obra da humanidade única. Estes projetos se concretizam por meio de uma negociação jamais encerrada. Nenhuma lei ou palavra externa podem legitimamente controlá-los ou criticá-los, pois sua intrusão seria um atentado à liberdade inalienável. Se há religião, ela deve ser compreendida como um fenômeno cultural transitório, respondendo afetiva e simbolicamente a problemas ainda não

administrados por consciências em emancipação.

Esta situação retira da teologia, por uma prioridade dos nossos contemporâneos ocidentais, uma autêntica pertinência, pois ela pretende escutar uma voz vinda do além e fazer-se a porta-voz, que foi crítica, de uma Igreja que confessa não ter sua origem em si mesma. Consequentemente, a teologia não é julgada livre porque ela apóia sua legitimidade sobre “um outro”.

René Rémond<sup>26</sup>, historiador francês, escreveu várias vezes sobre o anticristianismo atual na Europa, que sua agressividade, sustentada por um desafeto majoritário, parecia-lhe enigmática. Ela é menos, a meu ver, do que ele pensa. Ela é o produto de um movimento cultural que se nutre de uma evidência coletivamente partilhada: o homem é o único produtor de sua história, que só tem sentido, se ela o extrai de sua ação e não de um projeto divino concebido fora de todo concerto. A marginalidade da teologia resulta da marginalidade do cristianismo. Então, ela só pode assumi-la e fazer de si mesma um local de criação e de provocação.

***IHU On-Line A terra natal da teologia cristã é a comunidade eclesial e sua experiência de fé. Que limites e possibilidades este dado originário coloca para se pensar a teologia no âmbito acadêmico e na esfera pública da sociedade?***

**Christian Duquoc** - A filosofia, mesmo se definida por seu contexto social, é uma

---

<sup>26</sup> René Rémond (1918): considerado um dos maiores historiadores franceses da sua geração. É hoje professor emérito de diversas universidades. Seus trabalhos sobre a história política, intelectual e religiosa da França contemporânea contribuíram largamente para a renovação do domínio a partir dos anos 1970. Desempenhou igualmente um papel importante na constituição da história contemporânea da França. Dele, confira em português: *Por uma História Política*. São Paulo: FGV, 2003 e *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 1999. (Nota da *IHU On-Line*)

atividade individual. Ela se mantém por princípio distante das instituições e das opiniões dominantes. A teologia, ao contrário, é uma tarefa que se desenvolve no seio de uma igreja. As diferentes igrejas modelam as formas e os conteúdos. Esta ligação eclesial é vista de forma desfavorável por nossos contemporâneos. Eles atribuem a ela uma submissão inaceitável a uma autoridade externa. Eles desprezam o dogma porque ele se impõe como indiscutível. Para os modernos, a verdade é provisória. Ela se apóia sobre uma argumentação a ser revisada, ela só pode ser uma autoridade instituída.

Esta submissão da teologia na igreja é uma séria deficiência. Na França, ela distancia-se dos centros acadêmicos em função de sua pretensão em deter uma verdade que não é o fruto de um debate independente e laico. Os controles romanos das quais alguns teólogos foram objeto confrontaram a opinião corrente. É inútil, estimam muitos intelectuais, discutir com os teólogos uma vez que eles não têm o pensamento livre: eles estão sob tutela.

Se a teologia quer conquistar um lugar nos debates culturais e sociais no mundo laico, é preciso que ela se distancie no que tange sua implicação institucional. Isso significa que o teólogo deve aparecer para seus contemporâneos como um homem que afronta livremente, não somente a opinião dominante, a mais freqüentemente indiferente em relação ao cristianismo, mas também, o pensamento eclesialmente correto. Ele deve, então, argumentar sem preconceito sobre a base narrativa bíblica, que se apresenta sob a forma simbólica de um combate, tal como o de Jacó, entre os interesses de Deus e sua percepção humana. O desafio não é institucional, mas existencial. O teólogo é, neste contexto, um investigador, e não um porta-voz. Tamanha é a exigência de uma

marginalidade que se quer tão instauradora quanto provocadora.

### ***IHU On-Line* - Que perspectivas o senhor indicaria para uma relação produtiva entre ciência e teologia?**

**Christian Duquoc** - O debate entre a ciência e a teologia não interfere mais nos conhecimentos, mas nos símbolos. Para muitos dos nossos contemporâneos, o método científico é uma prática que eles imaginam, mas da qual não se utilizam. O caráter desestruturador da ciência resulta, sobretudo, do rumor que da efetividade de suas pesquisas e de suas produções. O símbolo é ainda ativo: ele resulta da ideologia do progresso. A ciência, ou seja, um conhecimento metódico, exato, de resultados verificáveis, fundada na experiência, permitiria no final, resolver os problemas humanos que os filósofos e as religiões deixaram para trás e conduziria nosso planeta à uma era de prosperidade, de igualdade, de fraternidade e de paz.

Esta ideologia é doravante menos presente nos cientistas, o cientificismo estando em regressão. Todavia, ela nada perdeu de seu vigor popular, mesmo se emerge o medo das conseqüências nefastas da tecnologia sobre a saúde e a harmonia da natureza.

O teólogo pode encontrar os cientistas, sobretudo no terreno de certa sabedoria na administração e na gestão do mundo do que em um uso, seguidamente caricatural, de métodos incompatíveis e de conhecimentos desajeitadamente ajustados. Os erros dos diferentes fundamentalistas ou as utopias dos diferentes concordismos fornecem a prova. O teólogo, referindo-se à criação divina como uma palavra incontável não a lê nas leis científicas do universo. A homenagem que suscita sua beleza é de ordem poética da qual a teologia é parente. Ela protege a interrogação

existencial e estética contra o fascínio da dominação pelo conhecimento.

***IHU On-Line - Entre o pluralismo cultural, religioso e axiológico que caracteriza a sociedade contemporânea, qual é o lugar e a função da teologia?***

**Christian Duquoc** - Durante muito tempo, o cristianismo pensou sua universalidade por meio da reunião de suas experiências religiosas diversas desconstruindo sua originalidade. Ele esquecia assim de sua particularidade. Sob a pressão de um melhor conhecimento da história e dos religiosos, o cristianismo abandonou pouco a pouco esta convicção que se traduziu durante séculos pelo slogan: “Fora da Igreja, ponto de salvação”. A palavra de Deus destinada a Israel, e aceita pela Igreja, não exclui uma busca legítima do divino, mesmo se este continua silencioso. Esta busca pagã e filosófica não deixa de ter significado para o cristianismo, ela forma o horizonte humano e religioso sobre o qual se destaca a originalidade bíblica. Aquele não a condena, ela revela o desejo interno sem abolir com a pluralidade das experiências espirituais. Este esclarecimento é tão vigoroso e autêntico que não força a história a parar prematuramente uma unidade institucional englobadora.

O encontro das religiões conduz o cristianismo a avaliar sua missão não mais segundo a metáfora da conquista, mas sob o ângulo de uma outra possibilidade: suscitar relações inesperadas e fecundas das quais as experiências espirituais singulares dão testemunho de várias maneiras. O dom do Espírito pelo Cristo ressuscitado, longe de favorecer o fanatismo ou a intransigência, convida a tomar os novos caminhos como necessidades vitais no tempo no qual a unidade precursora sofreria um empobrecimento dos desejos

humanos de Deus. A teologia previne, assim, contra a ilusão de um mundo unificado e totalitário sob o selo da bíblia. Ela se opõe atualmente à requisição das riquezas religiosas e filosóficas da humanidade.

***IHU On-Line - Que contribuições a teologia pode oferecer na busca de respostas para as questões que afligem a humanidade em nossos dias?***

**Christian Duquoc** - As inquietações dos humanos não são as mesmas segundo o modo de vida e o nível de desenvolvimento. A globalização que, no plano técnico e econômico, é incontestável produto dos efeitos tão ambíguos que alguns a negam a ponto de ficarem angustiados e que outros a percebem como uma esperança de sair da miséria. Este fenômeno não impede nem um pouco as guerras regionais de prosperar e os antagonismos e as raivas de se ataçarem. O progresso técnico e econômico não resolve as infelicidades da vida cotidiana: doenças, separações familiares, desemprego, lutos, angústia de morte. O pessimismo e o niilismo atentam o Ocidente que faria facilmente seu o propósito de um terrorismo basco desiludido: “Os que correm atrás de uma miragem não bebem mais da água do que os que só vêem a areia”.

Neste emaranhado de questões, de esperanças e desesperanças, a teologia nada pode afirmar além do que se propõe com sobriedade a fé cristã: a presença discreta de Deus na luta contra o mal e a infelicidade, a firme esperança de que a morte não terá a última palavra. Conseqüentemente, o teólogo desconfia das doutrinas que anunciam um futuro radiante, apoiando-se nas profecias bíblicas ou nas ideologias progressistas. Ele sabe que não dispõe de soluções concretas de ordem política ou econômica que resultariam

imperativamente do Evangelho. Ele lembra as exigências bíblicas de justiça e de respeito, ele não goza de um potencial de conhecimentos práticos que não estejam em princípio à disposição de todos, ele pode incitar, por sua fé cristã, a escolhas corajosas: abrir-se a uma nova forma de viver que rompe com o modelo dominante, inventar espaços onde a fraternidade não seja uma palavra em vão. Ele não pode garantir que estas tentativas limitadas, porque não-estatais ou não diretamente políticas sejam capazes de resolver eficazmente os

problemas que assombram nossas sociedades. Além do mais, ele nada pode sem a vitalidade inventiva e prática das comunidades cristãs.

Esses limites tornam delicada a situação do teólogo; aceitando-as, ele pode se fazer ouvir como uma voz singular imaginando um modo de vida menos “bulêmico”. Ele convida a não ceder à demagogia, a não favorecer o idealismo utópico, a não sacrificar às ilusões de um Deus a nossa disposição para pagar como encantamento as incoerências de nosso mundo.

## Entrevista da Semana

# O farol da crítica do cinema brasileiro

Entrevista com Hélio Nascimento

Em um tempo em que a reflexão anda em baixa no jornalismo diário o espaço das sextas-feiras, no *Jornal Comércio*, de Porto Alegre, funciona como uma trincheira de resistência da crítica cinematográfica no País para Hélio Nascimento. O texto sobre cinema que encontramos na sua coluna no JC vem sendo desenvolvido desde os anos 1960, consolidando um local onde o jornalismo cultural pode, enfim, fugir à superficialidade, à desinformação e ao modismo. Um dos livros publicados por Hélio Nascimento chama-se *O Reino da Imagem*, Edição da Prefeitura de Porto Alegre, em 2002. Leia a seguir a entrevista exclusiva que a *IHU On-Line* realizou por telefone com o jornalista Hélio Nascimento, um dos maiores críticos de cinema do Brasil que falou da produção atual do cinema brasileiro, crítica de cinema, distribuição, televisão-cinema e documentários.

***IHU On-Line* - O senhor acredita que o cinema brasileiro atual já apresenta uma variedade de assuntos que fogem um pouco aos temas sociais e**

**à violência, como *Carandiru* e *Cidade de Deus*?**

**Hélio Nascimento** - O que temos notado é que essa diversificação se manifesta em produtos comerciais, em filmes

construídos na popularidade de astros da televisão, comediantes, atores, quando não em filmes de classe média, calçados em novelas de tevê. O que lamentamos muito, eu particularmente, é que essa dificuldade que o cinema brasileiro tem de filmar a classe média, a classe mais alta também, ela se manifesta em concessões indesculpáveis da tevê. Iluminação, gestual e maquiagem de tevê, isso torna a coisa muito artificial. Alguns filmes, inclusive, são produzidos por uma rede de televisão. São feitos em 35 milímetros, mas com técnica de televisão. Vemos, então, muitos primeiros planos, iluminação exagerada e depois quando vemos o projeto no cinema se torna um filme muito artificial. Essa diversificação pode existir, mas não no bom sentido. Isso está diluindo a qualidade daqueles filmes, alguns citados, que procuram abordar a questão social.

**IHU On-Line - Como o senhor vê os documentários feitos no País?**

**Hélio Nascimento** - Houve uma fase muito boa dos documentários. Sobretudo em um documentário, que eu acho maravilhoso chamado *Edifício Master* (2002), de Eduardo Coutinho. Se olharmos esse documentário, que conta com mais ou menos umas 30 entrevistas, vamos notar que involuntariamente ele aponta um caminho para o cinema brasileiro, que é a concessão de personagens, porque, de cada personagem que surge no filme, nós temos uma história. Há praticamente um roteiro pronto, indicando que o cinema brasileiro tem de fazer filmes com base em personagens e não fundamentado em idéias de diretores que pode existir, mas não deveria ser imposto. Acho que qualquer tipo de mensagem ou constatação tem que emanar dos personagens e não apenas ser colocado no filme. Tem de ser algo natural, não imposto.

**IHU On-Line - O senhor está observando alguma inovação no campo cinematográfico nestes últimos filmes que entraram no circuito de exibição nacional?**

**Hélio Nascimento** - Infelizmente a fase do cinema brasileiro não é boa. O que estamos vendo são filmes produzidos mediante recursos oriundos de renúncia fiscal. São filmes que já estão pagos e, mesmo que se constituam em grandes fracassos de bilheteria como *Gaijin 2* (2005) que não fez 100 mil espectadores ou um documentário como *Mensageiras da Luz - Parteiras da Amazônia* (2004), que não teve 200 pessoas que o viram no País. Quer dizer, não importa que façam 30, 3 mil ou 90 mil espectadores, esses filmes já estão pagos com recursos públicos. Então, há gente que apóia esse tipo de coisa. Eu não vejo assim, esse tipo de filme tira qualquer tipo de responsabilidade dos produtores. Não importa se o filme vai falar ao público, se vai ou não encontrar o seu público, o filme já está pago, ele já existe. Então podemos brincar de cinema à vontade, pode fazer filme para nós mesmos, para os seus amigos, para os colegas de profissão, pode discuti-los em festivais, em simpósios. Mas público, que é bom, é raro.

**IHU On-Line - Como explicar o problema de filmes que passam com sucesso em São Paulo e Rio de Janeiro não serem exibidos no circuito gaúcho? Ainda é o problema da distribuição?**

**Hélio Nascimento** - De um modo geral, os filmes brasileiros hoje são lançados simultaneamente nas praças maiores. São poucos, é muito reduzido o número de filmes nacionais realizados por diretores de algum renome que não sejam lançados em Porto Alegre. O problema é que alguns filmes, quando são lançados

no Rio de Janeiro ou São Paulo, vão tão mal de bilheteria que os exibidores aqui dão um jeito de não cumprir a obrigatoriedade com eles. Mas isso não é a regra geral.

***IHU On-Line* - Que filme nacional o senhor viu ultimamente que lhe causou boa impressão?**

**Hélio Nascimento** - Mesmo sendo acusado de ser um pouco intransigente, acho que esse ano eu não vi nenhum filme brasileiro que realmente me interessasse muito, que me deixasse entusiasmado. Isso eu digo com alguma tristeza, pois o que nos deixa realmente alegre é ver um bom filme nacional. Eles, porém, estão ausentes nos últimos tempos. Acho que está havendo uma dificuldade muito grande em construir personagens reais, verossímeis. O cineasta brasileiro anda com dificuldade de filmar o cotidiano da classe média. Filmes como *Cidade de Deus* (2002) e *Carandiru* (2003) são filmes bem feitos e tal. Mas para falar com toda a franqueza, o filme brasileiro de que eu mais gostei destes últimos tempos foi o *Os Dois Filhos de Francisco* (2005), do Breno Silveira, pois tinha nesse filme os personagens, e além de se basear em fatos verídicos, o filme foi muito bem feito. Também foi importante por ser um filme voltado ao grande público, até para aquele que não gosta da música dos dois biografados. Mesmo porque a música não estava tão presente, só no final do filme. Eu acho que é um filme notável, com várias seqüências primorosas. E claro, o filme do Eduardo Coutinho, *Edifício Master*. Esses dois filmes são obras realmente de exceção num panorama que anda muito desalentador. Os filmes estão maniqueístas, ingênuos, filmes de crítica muito superficial, muito lugar comum, muita televisão, muita ingenuidade com relação aos personagens marginais. O cinema brasileiro, e de resto, não só o

cinema brasileiro, a cinematografia atual não anda passando uma boa fase. O que não quer dizer que não haja bons filmes às vezes. De um modo geral, o cinema está desestimulante. Eu acho que uma das causas para esse momento fraco do cinema brasileiro é que os filmes estão pagos.

***IHU On-Line* - E a crítica cinematográfica como anda?**

**Hélio Nascimento** - Em primeiro lugar, os jornais têm muito pouco espaço, como, por exemplo, os jornais do Rio de Janeiro. Sexta-feira, que é dia de estréias, os editores colocam 20 ou 30 linhas para o crítico dizer se o filme é bom ou ruim. Não dá para fazer mais nada do que isso. Segundo, eu vejo algumas tentativas frustradas de fazer humor, de fazer piada, como se o cinema deixasse de ser uma coisa séria. Realmente é lamentável que o espaço para a crítica de cinema tenha sido muito reduzida nos últimos anos. O que eu tenho notado também é uma falta de profundidade, mas isso pode ser pela falta de espaço. Não vamos atacar ninguém. É que os jornais não estão dando tanta importância como davam antes à crítica. Não tem havido mais a tentativa de interpretação dos filmes, de olhar o filme com uma visão da realidade. Ficam apenas falando dos atores, da filmografia do diretor e passam por cima do resto. Para uma palavra, com as exceções que sempre existem, a crítica está muito superficial nos dias atuais.

***IHU On-Line* - O cinema brasileiro vive de ciclos ou já está concretizado entre os filmes populares, na maioria produzidos pela Globo Filmes, que atingem boa bilheteria no País?**

**Hélio Nascimento** - Esses filmes estão indo bem, os filmes produzidos pela tevê. Inclusive o último filme do Daniel Filho, *Se eu Fosse Você* (2006), passou de um milhão de espectadores. E o

documentário *Mensageiras da Luz – Parteiras da Amazônia*, fez 135 espectadores. Os dois filmes recordistas no Brasil eram *Tubarão* (1975) e *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1976), ambos superaram 12 milhões de espectadores. Depois veio o *Titanic* (1997), e fez 18 milhões. Hoje, um filme como este do

Daniel Filho com 1 milhão e 300 mil espectadores e alguns filmes norte-americanos faz quatro ou cinco milhões de público. Então, diminuiu muito a frequência. E o cinema brasileiro não vai muito bem, não. Inclusive alguns filmes da Globo com inserções e chamada nas telenovelas não estão funcionando.

## Artigo da Semana

### Em qual país é esta eleição?



Reproduzimos a seguir o artigo de Washington Novaes, publicado originalmente no jornal *O Estado de São Paulo* em 22-9-2006. Novaes é jornalista especializado nas questões ambientais. Bacharel em Direito e jornalista há mais de 45 anos, já foi repórter, editor, diretor e colunista em várias das principais publicações brasileiras, entre as quais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *Correio da Manhã*, *Veja* e *Visão*. Na televisão, foi editor-chefe do *Globo Repórter*, editor do *Jornal Nacional* e comentarista do programa *Globo Ecologia* e de telejornais das redes Bandeirantes e Manchete. Ganhou, entre outros, o *Prêmio de Jornalismo Rei de Espanha*, o troféu *Golfinho de Ouro* e o *Prêmio Esso Especial de Meio Ambiente*. Também foi consultor do primeiro relatório nacional sobre biodiversidade. Participou das discussões para a *Agenda 21* brasileira. Atualmente, é colunista dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Popular*, de Goiânia. Entre suas publicações destacam-se *A década do impasse: da Rio-92 à Rio + 10*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. *Xingu: Uma flecha no coração*. São Paulo: Brasiliense, 1985. *A quem pertence à informação?* Petrópolis: Vozes, 1996.

Novaes concedeu a entrevista *O que está em jogo na Convenção do Clima em Montreal*, à *IHU On-Line* edição número 167, de 5-12-2005 e a entrevista *O*



*século XX foi o mais quente da história da Terra. Ambas estão disponíveis para download na página do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).*

É inquietante observar que, a poucos dias das eleições para presidente da República, governos dos Estados, parlamentos federais e estaduais, as mal chamadas questões ambientais - as que dizem respeito ao meio físico, concreto, em que vivemos - continuam, como nos pleitos anteriores, tão distantes das discussões que se travam que se pode, no final das contas, perguntar: mas em que país se disputam essas eleições? Será em Plutão, que acaba de ser rebaixado, nem planeta mais é?

Muitas vezes tem sido citado aqui o pensamento do secretário-geral da ONU, Kofi Annan, segundo quem os problemas que ameaçam a sobrevivência da espécie humana são as mudanças climáticas em curso e a insustentabilidade dos padrões mundiais de produção e consumo. Se é assim, essas questões deveriam estar no centro das discussões sobre o futuro do País. Mas não estão.

Qual é, por exemplo, a estratégia brasileira para enfrentar mudanças climáticas? Não está na pauta. Mas já começamos a sofrer com elas, inclusive em áreas que - estas, sim - geram preocupações: estamos perdendo partes de safras por causa de secas, inviabilizando culturas por causa do aumento da temperatura; estamos tendo custos cada vez mais altos com inundações, deslizamentos de terras, inviabilização de rodovias.

Qual é a situação nacional num modelo global que já consome mais recursos e serviços naturais do que são repostos pelo planeta? Também já consumimos além da reposição, dizem os relatórios internacionais. Mas temos uma situação privilegiada em relação a vários recursos

- água, biodiversidade, solo, níveis de insolação. Só que nem sequer pensamos em adequar nosso consumo, muito menos em conceber uma estratégia que coloque a situação privilegiada - abundância dos fatores escassos no nível planetário - como fundamento central da ação nacional. E nem discutimos isso numa campanha eleitoral, para que a sociedade possa informar-se, exigir novas posturas e estratégias.

E como é assim, não conseguimos discutir e formular políticas adequadas para a Amazônia, por exemplo, que coloquem em primeiro plano não a devastação para exportar madeiras e outros produtos primários - ou subsidiados -, em vez de termos uma política que coloque antes de tudo o conhecimento científico e o aproveitamento da biodiversidade mais rica do mundo - cessando com o desmatamento e as ameaças de mudanças climáticas e comprometimento de fluxos hidrológicos. Ou uma política de conservação, que privilegie áreas indígenas (o caminho mais eficaz para a conservação) e permita o pagamento às populações de baixa renda para fiscalizarem e atuarem na preservação.

Quando a discussão ameaça aproximar-se do concreto - como é o caso da questão do abastecimento nacional de energia elétrica -, quase invariavelmente toma logo um desvio em que se tenta qualificar a preocupação com a conservação de recursos como "obstáculo ao desenvolvimento". Sem sequer discutir qual é o modelo energético nacional, suas alternativas, as possibilidades de conservar energia, em lugar de ampliar a potência instalada. O Cenário Tendencial preparado pela Unicamp para o WWF e

divulgado há poucos dias diz que “a adoção de um cenário elétrico sustentável poderá gerar economia de R\$ 33 bilhões para os consumidores e diminuir o desperdício de energia elétrica em até 38% até o ano de 2020”. É muito. E isso seria possível com maior eficiência na geração e transmissão de energia, racionalidade no consumo e aumento da utilização de fontes renováveis de energia, como biomassa, eólica, solar e de pequenas hidrelétricas. Mas, se é assim, como não se discute com a sociedade no momento em que as forças políticas assumem compromissos de planejamento? Principalmente com esse estudo dizendo que por esse caminho será possível criar 8 milhões de empregos e estabilizar a emissão de gases do efeito estufa?

E quando se fala em biomassas, é indispensável dizer à sociedade que caminhos serão trilhados. Vai-se associar a geração de biomassas para a produção de energia à agricultura familiar e ao esmagamento na fonte de produção (para agregar valor), de modo a descentralizar a geração de renda? Ou se vai seguir no velho modelo de concentrar a renda nuns poucos megaprodutores?

E na questão dos recursos hídricos, por onde vamos caminhar - no momento em que chegamos ao contra-senso de minguar a água nas Cataratas do Iguaçu,

de racionar o fornecimento em Curitiba e Manaus (no encontro dos Rios Negro e Solimões, formando o Amazonas !)? E tudo isso num país que tem 12% da água superficial do planeta. Vamos continuar dizendo que se fará a transposição de águas do Rio São Francisco para atender às necessidades de milhões de vítimas da seca - quando sabemos que a água transposta jamais chegará às microcomunidades isoladas, que são as principais vítimas da seca, e que se destinará primordialmente aos macroprojetos de exportação de frutas, camarões e pouco mais?

Não conseguimos sequer colocar na pauta do debate temas como o da gripe aviária - que continua a ser gravíssima ameaça, capaz de produzir prejuízos de até US\$ 2 trilhões, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) - ou da debilidade do nosso sistema de defesa sanitária na área de carnes, ameaçando um dos principais itens de exportação e o próprio consumidor interno.

Seguimos como se, no concreto, estivéssemos no melhor dos mundos e só precisássemos nos ocupar de juros, taxas de crescimento da economia, balanço de pagamentos e adjacências. Tudo isso é importante. Desde que haja chão consistente por baixo. Temos?

# Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), editoria *Notícias Diárias* apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. A elaboração das notícias diárias é feita em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, com sede em Curitiba, PR. Abaixo algumas notícias selecionadas.

## **As “papeleiras” do Uruguai**

O governo de cunho progressista do presidente Tabaré Vázquez recebeu, entre outras heranças de governos anteriores, uma negociação encaminhada e permissão para a instalação de duas enormes plantas de processamento de pasta de celulose na margem oriental do rio Uruguai, no departamento de Rio Negro, em frente à cidade argentina de Gualaguaychú, das empresas Botnia, de origem finlandesa, e Ense, de origem espanhola. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 19-9-2006.

## **Estado indiano quer banir a Microsoft**

O governo do Estado indiano de Kerala, controlado pelos comunistas, lançou uma campanha para transformar a região, no sul do país, em área de exclusão para os produtos da Microsoft, menos de uma quinzena depois de proibir a venda e a produção dos dois refrigerantes norte-americanos mais simbólicos, a Coca-Cola e a Pepsi-Cola. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 21-9-2006.

## **Mais universitários estudam fora. Mas total ainda é pequeno**

O número de universitários brasileiros que estudam no exterior passou de 11 mil para 20 mil nos últimos anos, segundo relatório divulgado na semana passada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 21-9-2006.

## **Feijóo não foi perdedor**

Um artigo de José Pastore, economista, professor da FEA-USP elogiando a posição do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Feijóo foi reproduzido nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 19-9-2006.

## **McDonald's põe à venda 1.500 lojas no Brasil e outros países**

O McDonald's, a mais tradicional rede de restaurantes fast food do mundo, decidiu se desfazer de lojas próprias e demais operações em 15 a 20 países, incluindo o Brasil. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 22-9-2006.

## **Desemprego recua e renda avança em agosto no país, diz IBGE**

Segundo notícia publicada na *Folha Online*, de 21-9-2006, a taxa de desemprego nas seis regiões metropolitanas do país passou de 10,7% em julho para 10,6% em agosto, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Trata-se do sexto mês sem variação significativa na taxa na comparação com o mês anterior. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 22-9-2006.

#### **Estamos no pior cenário em 650 mil anos, mostra estudo**

Segundo matéria do jornal *O Estado de S. Paulo*, de 17-9-2006, os dados preliminares mostram a maior concentração de gases do efeito estufa. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 21-9-2006.

#### **Testes levam futuros pais a rejeitar embriões imperfeitos**

Conforme reportagem de Amy Harmon, publicada no *The New York Times*, dia 17-9-2006, nos EUA, cada vez mais se geram filhos que jamais terão certas doenças. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 21-9-2006.

#### **Salário**

O aumento recorde do salário mínimo, a inclusão de mais 3 milhões de famílias no programa de transferência de renda do governo, o Bolsa Família, o crescimento do número de reajustes salariais acima da inflação e o reajuste da tabela do Imposto de Renda aumentando a faixa de isenção deverão fazer com que em 2006 a queda da desigualdade no Brasil volte a se acelerar. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 19-9-2006. Um artigo sobre o tema foi publicado no mesmo dia.

#### **As saídas do capital estrangeiro**

No espaço de um ano, de agosto 2005 a setembro de 2006, a saída bruta acumulada de capitais aumentou 123% em relação ao mesmo período anterior. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 19-9-2006.

#### **Salário Mínimo é instrumento eficiente contra a pobreza e desigualdade, constata economista do BNDES**

A política de aumento real do poder de compra do salário mínimo precisa ser mantida nos próximos anos para que a trajetória de queda das desigualdades sociais continue no País. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 20-9-2006.

## **Destaques On-Line**

Entrevistas exclusivas produzidas pelo sítio do IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU

([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), durante a última semana. Aqui, apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas, na íntegra, nas *Notícias Diárias* do sítio, na data correspondente.

#### **Título: Uma conversa sobre gauchismo, Sepé Tiaraju e Simões Lopes Neto**

#### **Entrevistada: Agemir Bavaresco e Luís Borges**

**Entrevista:** Na semana Farroupilha, os professores Agemir Bavaresco e Luís Borges, da PUC-Pelotas, falaram sobre gauchismo, Simões Lopes Neto, Sepé Tiaraju, e sobre o livro *Identidades Ameríndias*, em entrevista concedida por e-mail para a *IHU On-Line*. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU do dia 22-9-2006.

# **IHU em revista**

<b>Eventos</b>	<b>pg. 38</b>
<b>Sala de leitura</b>	<b>pg. 38</b>
<b>IHU Repórter</b>	<b>pg. 39</b>
<b>Errata</b>	<b>pg. 41</b>

# A globalização e os jesuítas

Diante de um novo contexto histórico, de crise da modernidade, o Instituto Humanitas Unisinos (IHU), com outras universidades brasileiras, abre um espaço de amplo debate. Trata-se do Seminário Internacional *A Globalização e os Jesuítas – origens, história e impactos*, que começa hoje, dia 25 de setembro e vai até 28 de setembro.

A programação do Seminário na Unisinos conta com exposição de Arte Sacra, exibição de filmes, visitas guiadas, minicursos e conferências. A abertura será realizada pelo Pe. Peter-Hans Kolvenbach, Superior Geral da Companhia de Jesus, com a conferência *As origens universais da Companhia de Jesus. Possibilidades e desafios para a contemporaneidade*.

Assuntos como o sino das missões jesuítas, o valor da educação musical nos Sete Povos das Missões, mística e espiritualidade inaciana e Sepé Tiaraju são outros temas que estarão em discussão no Seminário Internacional.

Para conferir os horários, locais e temas de cada atividade, confira a seguir a programação completa do evento no sítio do IHU: [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

## Sala de Leitura



*Modernidade Líquida* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001), de Zygmunt Bauman. Estou lendo este livro para compreender elementos relacionados aos desencaixes que hoje estão presentes na contemporaneidade. No olhar sociológico do autor, os capítulos do livro estão divididos em conceitos de emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade. Estou utilizando esta obra como subsídio num artigo, sobre acessibilidade que estou desenvolvendo, para fazer uma análise com relação aos espaços que garantem ou não a circulação das pessoas usuárias de cadeira de rodas na cidade. No momento estou dedicando-me ao tempo/espaço, direcionando o meu olhar para o lugar, o não-lugar e os espaços vazios que permitem fazer deslocamentos sobre a segregação espacial e acesso seletivo aos espaços, numa sociedade que utiliza estratégias êmicas e fágicas, ou seja, separação espacial, guetos urbanos e aniquilação dos estranhos e a sua alteridade. O livro é um excelente mergulho na viscosidade da modernidade para conhecer e transitar neste mundo.

**Cláudio Marques Mandarin, Prof. da Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde da Unisinos**

### Aloísio Ruscheinsky



Quando criança, o professor da Pós-graduação em Ciências Sociais da Unisinos, Aloísio Ruscheinsky, inventava seus brinquedos e costumava usá-los nas lombas catarinenses, Mondaí. Cauteloso nas brincadeiras de criança, este ex-jesuíta contou a *IHU On-Line* um pouco da sua infância e trajetória profissional. Filho de um agricultor e de uma dona-de-casa, Aloísio

reúne-se, anualmente, com os oito irmãos que estão espalhados pelo Brasil.

**Origens** - Nasci em Mondaí, em Santa Catarina, quase divisa com a Argentina. Meu pai era agricultor, minha mãe dona-de-casa e agricultora. Nasci em agosto de 1950. Morei em Mondaí até terminar os primeiros anos da escola.

**Família** - Somos nove irmãos. Era muito comum na época ter famílias extensas. A família enxuta de hoje era exceção à regra. Costumamos reunir, anualmente, os irmãos.

**Infância** - Lembro do tipo de diversão que tínhamos naquela época, das nossas criações para fazer o brincar. Hoje é tudo tão tecnológico, tudo vem pronto. Tínhamos uma imaginação e criávamos brinquedos: carretas, estilingue, bicicletas de madeira. Costumávamos ir para a lomba e brincar, mas sempre com cautela. Pensando hoje na sociedade risco, vejo que tínhamos um grau de avaliação do risco.

**Estudos** - Comecei a estudar aos sete anos. Depois de finalizar os primeiros estudos em Mondaí, fui para Salvador do Sul, aqui no RS, fazer o que chamávamos de ginásio. Fiz uma longa viagem, pois naquela época era tudo chão batido. Depois fiz em Florianópolis o científico. Ingressei na Ordem dos Jesuítas, em 1973.

**Trajectoria** - Entrei para o curso de Ciências Sociais na Unisinos, em 1975. Depois em 1979-80 passei dois anos no Mato Grosso, trabalhando em um estágio que acompanhava o fluxo migratório de gaúchos para aquele Estado. Fiz Mestrado em Sociologia no final dos anos 1980, na PUC-SP, depois no início dos anos 1990, fiz Doutorado na USP também em Sociologia. Morei 10 anos na cidade Rio Grande, onde trabalhei como professor na FURG e, em 2005, entrei para a Pós-Graduação de Ciências Sociais aqui da Unisinos.

**Autor e livros** – Pensando na minha formação geral, eu diria a Bíblia, e na formação acadêmica da graduação lembro de Darcy Ribeiro, *O processo civilizatório* e de Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*.

**Trilha sonora** - Isso é muito difícil. Mas talvez *Aquarela* do Toquinho e Vinícius de Moraes. Meu filho veio, um dia, da escola cantando e eu fiquei analisando a lógica. Eu nunca tinha parado para observar a letra do ponto de vista antropológico. Comecei a analisar a lógica da seqüência, como a música é construída. É interessante. Eu também gosto de MPB. Nos anos 1980, houve uma grande geração de músicos e letristas filósofos: Milton Nascimento, Chico Buarque, Caetano Veloso, entre outros, e mais voltado para o rock, o Renato Russo. Hoje há poucos, mas temos ainda alguns.

**Casamento** - Eu fui jesuíta muitos anos, hoje sou casado com Eunice há 15 anos e tenho um filho de 12.

**Dia perfeito** – Um dia em que eu conseguisse fazer alguma coisa ou tudo sem estresse.

**Esporte** – Hoje futebol e natação.

**Time** - Num certo período da juventude, fui colorado. Hoje em dia sou independente. Depois de um certo período relativizei esses prazeres da vida.

**Eleições** - Meu voto está consolidado. Entre ilusões e decepções vou de Lula. Embora eu tenha muitas críticas ao desempenho da aliança que o sustenta, entre as propostas, ainda é a que tem alguma alternativa dentro do possível, sem ilusão de grandes mudanças.

**Unisinos** - Conheci a Unisinos num certo período, anos 1970, em que a liberdade de expressão na sociedade e na universidade era mais restrita, portanto como instituição não existia abertura e liberdade de expressão que na época como estudantes almejávamos. E conheço a Unisinos hoje onde escolhi para trabalhar e com toda a questão da premência de produtividade como exigência da esfera federal. O próprio sistema social existente acentua a produtividade, a excelência e a competitividade. Para além da instituição de ensino, hoje vige uma lógica utilitarista, em que toda a instituição para permanecer existente no horizonte dessa mesma sociedade, ela precisa adotar estes outros horizontes. Existe uma tensão entre o humanismo e o aumento da concorrência entre os seus pares.

**Instituto Humanitas** - É uma novidade com relação ao que conheço de universidade. Diria que o IHU é a expressão de uma face peculiar nesta Universidade, onde de alguma forma uma parcela tenta respirar e refletir de forma diferenciada; onde os níveis de crítica à própria sociedade tornam-se mais patentes e visíveis. Além disso, traz ao debate temas candentes e urgentes com base em renomados intelectuais.



## Errata

Na edição 197 da *IHU On-Line*, de 18-9-2006, a redação da revista cometeu um equívoco na entrevista do Prof. Dr. Ignácio Schmitz, SJ, em sua entrevista intitulada *A Missão: peripécias das reduções jesuíticas*.

O parágrafo correto é o que segue abaixo:

O prelado, Altamirano, na realidade um jesuíta andaluz, ambicioso e bastante ligado à corte do Império Espanhol, à qual procurava agradar, que vem como representante plenipotenciário de um superior geral fraco, que busca salvar a Companhia de Jesus ameaçada de extinção pelas cortes de vários países europeus. A ordem dos jesuítas é expulsa, sucessivamente, de vários países europeus e de suas colônias e, finalmente, é supressa pelo Papa, também pressionado pelas cortes.